



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

La cerámica del sitio arqueológico La Ponga. Santa Elena, Ecuador
Vol. I

Pablo Quelal Madrid

Dissertação orientada pela Professora Doutora Elisa de Sousa, e coorientada pelo Professor Doutor Carlos Montalvo, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia

2023

Resumo

A presente dissertação de mestrado incide numa nova abordagem realizada ao conjunto cerâmico do sítio arqueológico La Ponga, localizado na atual província de Santa Elena, República do Equador (América do Sul), sendo aqui apresentados os respectivos métodos analíticos e resultados. O conjunto cerâmico analisado foi recuperado através de trabalhos arqueológicos realizados nos anos 1976 e 1977 pelo sacerdote Pedro Porras, que, através da sua análise, atribuiu o sítio exclusivamente à cultura Machalilla.

Tradicionalmente, a cultura Machalilla (1400-800 a.C.) tem sido caracterizada como uma fase intermédia numa espécie de "linha evolutiva" entre as ocupações Valdivia e Chorrera-Engoroy, no período Formativo do Equador (3500-200 a.C.). Esta caracterização foi discutida e problematizada em estudos arqueológicos mais recentes.

É com base nesta questão que se desenvolve o presente estudo, envolvendo a elaboração de uma nova proposta de seriação do material cerâmico coletado por Porras, baseada nos registos disponíveis, que se encontram depositados no Museu Arqueológico Weilbauer da Pontifícia Universidade Católica do Equador (PUCE).

Além disso, o estudo também confronta o antecedente arqueológico sobre a cultura Machalilla na área próxima ao sítio La Ponga, de forma a identificar elementos de análise para a definição da cultura Machalilla, bem como colocar em consideração o hiato temporário com a fase precedente, a cultura Valdivia, definido por Ronald Lippi (1980, 1983).

Nesse âmbito, foi feita uma revisão dos antecedentes arqueológicos da região, quer anteriores aos trabalhos de Porras, quer ao nível dos estudos atuais referentes ao atual povoado de Machalilla, para posteriormente gerar uma avaliação crítica desta temática, à luz do problema colocado pelo horizonte Machalilla após aproximadamente 65 anos de pesquisa.

Como resultado dessa revisão, foi identificada, em primeiro lugar, a existência de uma diversidade de critérios com os quais são analisados os contextos e evidências do chamado período Formativo Médio. Por exemplo, para definir ocupações culturais Machalilla, critérios temporais são usados exclusivamente, enquanto alguns pesquisadores consideram critérios que incluem tanto o tempo como o espaço.

No que se refere aos aspetos metodológicos do registro de campo executado pelos pesquisadores da região de estudo, as suas diferentes formas de trabalho também geraram impactos nos respectivos registros e interpretações, em diferentes graus. Por um lado, temos os procedimentos que aplicam a escavação de cortes segundo níveis arbitrários de 20 cm (níveis artificiais); e, por outro lado, temos as escavações que diferenciam os níveis estratigráficos naturais do subsolo, a partir de Henning Bischof (1975) e Heiko Prümers e Fernanda Ugalde (2018).

Em especial, as escavações efetuadas por Betty Meggers, Clifford Evans e Emilio Estrada (1965), de acordo com o método dos níveis arbitrários/artificiais, afetam as correlações estratigráficas dos materiais recolhidos, na medida em que definem ocupações com cortes superficiais, e mesmo com coleções de superfície, como nos locais La Cabuya e G-112 (ao sul de Ayangue). O caso é evidente na definição do período B de Machalilla, feito exclusivamente a partir de uma coleção recolhida à superfície.

Em contraste com o exposto, Bischof aplica um rigoroso registro de depósitos de contextos arqueológicos que permite refletir, de forma mais detalhada, as atividades passadas, proporcionando uma melhor perspectiva dos materiais coletados e seus contextos, independentemente do número de elementos ou cortes no território. Em virtude disso, é importante a crítica de Bischof à escavação por níveis arbitrários/artificiais, quando argumenta que as escavações deste tipo fazem com que a cultura material recolhida seja considerada necessariamente hipotética, porque este método promove, frequentemente, a mistura de materiais, incluindo diferentes volumes de solo de depósitos naturais e culturais ao mesmo nível arbitrário/artificial.

Além disso, uma diversidade de critérios é evidente também na análise dos dados coletados, o que enriquece o debate científico. Mas quando surgem tentativas de fazer inovações mais ousadas, o debate e a análise ficam, de certa forma, obscurecidos. O exposto é observado na formação de tipos cerâmicos no processo de seriação de Machalilla: o tipo Ayangue Inciso (Meggers, Evans e Estrada, 1965), que conta até os dias atuais com alguma validade, é nublado pela descrição do mesmo tipo como "Ayangue Grabado" que Lippi (1983) propôs. Contudo, o estudo cerâmico realizado por este último deriva de um agrupamento visual dos bordos, sem categorias com bases tipográfico-analítico, o que cria

certas dificuldades quando este agrupamento visual é o fundamento para propor um hiato temporário entre Valdivia e Machalilla.

No campo cronológico, foi necessário realizar calibrações das datas fornecidas por Lippi (1983), que mostrou ocupação entre os anos de 1396 e 806 a.C., compreendendo um período de 590 anos de ocupação. Esse período excede muito aquele de 400 anos estimado para a ocupação cultural, proposto pelo autor citado (1200 - 800 a.C.), que atribuiu 50 anos para cada uma das oito fases definidas na sua cronologia relativa.

Por outro lado, as datas obtidas por Prümers e Ugalde (2018) mostram, em contraste, uma ocupação entre 1385 e 940 a.C., compreendendo um intervalo de 445 anos no sítio Machalilla Cemitério (Ma-Cem), atribuível ao único estrato cultural encontrado nas escavações correspondente a Machalilla. Ou seja, suas datas são coerentes com sua observação estratigráfica, que mostra uma única ocupação cultural que pode ultrapassar os quatro séculos no site Ma-Cem.

Uma vez ponderados os critérios dos antecedentes arqueológicos, procede-se a uma análise do conjunto cerâmico, que se tem sustentado no método analítico de atributos, que permite considerar cada um destes individualmente, perseguindo uma maior sensibilidade às mudanças ao longo do tempo (Shepard, 1956; Jaimes, 2012), em conjunto com uma classificação tipológica baseada no conceito de tipo como uma série de artefatos que se distinguem por uma associação recorrente de atributos.

O conjunto cerâmico recuperado por Pedro Porras, que foi analisado nesta dissertação, consta de 11862 fragmentos, dos quais 9935 são fragmentos não diagnósticos, e 1927 diagnósticos. A análise efetuou-se sobre os fragmentos diagnósticos, dado que nos fornece informação sobre a forma, a decoração e a tecnologia da cerâmica do sítio La Ponga.

A nossa análise diferencia-se das realizadas por Meggers, Estrada ou Porras, que aplicaram o método quantitativo (também designado como método Ford), que se enfoca na decoração de todas as formas de recipientes do conjunto, provocando que estas últimas se codifiquem repetitivamente. Neste sentido, a nossa análise aproxima-se mais da análise multivariável de Bischof, que considera as combinações de atributos morfológicos e decorativos sobre um recipiente, como os elementos de maior sensibilidade no tempo.

A seleção dos atributos de nossa análise conta com uma muito boa referência no projeto de pesquisa da PUCE e do DAI (Instituto Alemão de Arqueologia), no sítio Machalilla Cemitério (Ma-Cem). Através deste antecedente foi possível definir os atributos a serem analisados para a elaboração de tipologia cerâmica e sua posterior seriação. Foram avaliados três atributos morfológicos, cinco tecnológicos e quatro decorativos.

Os atributos morfológicos e, em menor medida, os atributos decorativos mostraram-se como os mais suscetíveis às flutuações na sequência cultural. Isto motivou a concentração da análise nestas duas classes de atributos, a fim de identificar alterações no estilo decorativo.

A seriação cronológica dos atributos fundamentou-se no conceito de seriação referente à elaboração de uma divisão de um material cultural conforme os contextos registrados nos cortes de escavação arqueológica, associando estes dois elementos para criar um sistema sequencial. Desta forma é possível identificar associações de materiais cerâmicos segundo estratos naturais e, paralelamente, também culturais.

A duração de um atributo é definida como o intervalo de tempo entre o seu primeiro e o seu último aparecimento, cuja observação se faz através da subdivisão de um registo arqueológico em segmentos arbitrários no espaço e no tempo. Assim se formará uma sucessão de eventos, cuja unidade de medida virtual é o ponto médio marcado pela primeira e última aparição de um atributo. Este é o conceito que Renato Peroni (1998) define como Duração Média Mínima, no qual nos baseamos para a seriação.

A análise de atributos e sua correspondente seriação possibilitaram a identificação de uma ocupação predominante de Machalilla no sítio La Ponga. Ao mesmo tempo, as informações fornecidas por Richard Zeller (s.d.) sobre um considerável conjunto cerâmico pós-ocupação Machalilla não devem ser ignoradas, destacando Chorrera-Engoroy e Guangala, que se constituem em referência do escasso material na nossa análise correspondente a essa temporalidade.

É importante ressaltar que não foram encontrados restos da frequente mencionada garrafa de alça-estribo que Estrada, e outros autores de sua mesma época (especialmente Meggers e Evans), caracterizam como exclusiva da cultura Machalilla. De facto, encontra-se apenas um colo de garrafa em todo o conjunto cerâmico de La Ponga, que se aproxima mais

claramente das garrafas de Chorrera-Engoroy, em vez das garrafas de alça-estribo. Este facto é corroborado por Richard Zeller quando expõe que, na zona de Loma Alta, muito perto do sítio La Ponga, encontrou as primeiras expressões deste tipo de garrafas estilo Chorrera-Engoroy.

Por outro lado, a presunção de Emilio Estrada confirma-se ao estimar a ocupação Machalilla para o primeiro milénio antes de nossa era. As contribuições para a cronologia Machalilla, fornecidas por Bischof, Prümers e Ugalde, apoiam a hipótese de Estrada. A nossa contribuição, desde uma cronologia relativa de La Ponga, reside em que a profusa decoração incisa nos corpos superiores dos recipientes abertos carenados ajuda a consolidar a definição de uma fase tardia Machalilla localizada mais especificamente na costa centro-sul do Equador. Isto aponta para que não existe uma forte diferenciação entre os locais Machalilla implantados perto da ribeira marinha e aqueles localizados no interior.

Resumen

El sitio arqueológico de La Ponga, en la actual provincia de Santa Elena, Ecuador, fue investigado por Pedro Porras en los años 1976 y 1977. Se localiza aproximadamente a unos 100 sobre el nivel del mar. Su cerámica brinda la posibilidad de ser nuevamente abordada desde una perspectiva diferente a la del investigador. El presente estudio realiza un análisis de atributos para la formación de tipologías, para posteriormente realizar la seriación de los tipos cerámicos formados, con el fin de buscar elementos de análisis de la enigmática cultura Machalilla, aún más cuando se trata de un sitio tierra adentro. Además, se ofrece un análisis de las investigaciones arqueológicas de la costa centro-sur del Ecuador, que brindan un apoyo para el análisis. La observación de la duración de los atributos y los tipos cerámicos permite identificar una variante localizada en la zona mencionada, que se distingue del sitio clásico Machalilla, temporalmente cercana a la transición a la cultura Chorrera-Engoroy, del período Formativo Tardío.

Palabras clave: Machalilla, Período Formativo, análisis de atributos, seriación cerámica, Chorrera-Engoroy.

Abstract


The archaeological site of La Ponga, in the current province of Santa Elena, Ecuador, was investigated by Pedro Porras in 1976 and 1977. It is located approximately 100 above sea level. Its ceramics offer the possibility of being approached again from a different perspective than the researcher. The present study performs an analysis of attributes for the formation of typologies, to later perform the seriation of the ceramic types formed, to look for elements of analysis of the enigmatic Machalilla culture, even more so when it's an inland site. In addition, an analysis of the archaeological investigations of the south-central coast of Ecuador is offered, which provide support for the analysis. The observation of the duration of the attributes and the ceramic types allows to identify a variant located in the mentioned zone, which is distinguished from the classic site Machalilla, temporarily close to the transition to the Chorrera-Engoroy culture, of the Late Formative period.

Keywords: Machalilla, Formative Period, Attributes Analysis, Ceramic Seriation, Chorrera-Engoroy.

A Noel Bolívar Madrid

Agradecimientos

El trabajo de disertación de maestría no habría sido posible sin todo el apoyo inconmensurable brindado por las personas que estuvieron a lo largo de estos tres años que han pasado raudos, y van más allá de la formación académica, sino que me han construido como ser humano.

A mis padres, Antonio Quelal y Patricia Madrid, mis hermanos, José Andrés Rivera y Francisco Quelal, y a la Betty ; por todo el apoyo integral e incondicional que me han dado siempre.

A mi orientadora principal, Dra. Elisa de Sousa, por su paciencia durante el largo tiempo que me ha tomado terminar esta disertación y por su apertura para la orientación de este. Al Dr. Carlos Montalvo, por la guía y el apoyo fundamentales en el desarrollo de este trabajo.

Al Museo Arqueológico Weilbauer del Centro Cultural de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador, su coordinador Lic. Ricardo Gutiérrez, y sus colaboradores Alexia Ibarra y Mauricio Velasteguí, por la apertura para desenvolver el análisis en la colección cerámica del sitio La Ponga, recolectado por Pedro Porras Garcés, que custodian en sus instalaciones.

A los amigos que el paso por Lisboa me ha dado, Diego de Araújo Sá y Sandra Pimentel, por su compañía durante ese 2020 pandémico fuera de casa y brindarme su mano solidaria.

A José Miguel Vaca, quien desinteresadamente me brindó su apoyo cuando se luchó por comenzar este camino. A Ernesto Pillajo por todo el empuje y descarga mutua a la distancia en tiempos de pandemia durante nuestras estancias fuera del Ecuador.

A Tamia Viteri Toledo, por acompañarme prácticamente desde el inicio, por el apoyo mutuo en nuestras investigaciones, sobre todo ante las angustias y desilusiones de nuestras experiencias fuera de casa en medio de una pandemia, pero que gratamente nos han llevado a un vínculo más profundo.

Gracias infinitas.

Índice

VOLUMEN I

Resumo.....	1
Resumen.....	6
Abstract	7
1. Introducción	12
2. Marco Geográfico	14
3. Marco cronológico cultural	16
3.1. Período Formativo.....	17
4. Antecedentes arqueológicos.....	19
4.1. Emilio Estrada.....	19
4.2. Betty Meggers, Clifford Evans y Emilio Estrada.....	21
4.3. Henning Bischof.....	24
4.4. Pedro Porras	26
4.5. Ronald Lippi.....	28
4.5.1. Sitio Río Perdido	28
4.5.2. Sitio La Ponga	29
4.6. Pontificia Universidad Católica del Ecuador e Instituto Alemán de Arqueología.....	31
5. El período Formativo “Medio” en la costa centro-sur del Ecuador: el caso de La Ponga y la problemática Machalilla.....	34
5.1. Diversidad de criterios	34
5.2. Dataciones absolutas	39
6. Tipología del conjunto cerámico de La Ponga, excavado por Pedro Porras (1976-1977).....	42
6.1. Metodología y marco conceptual de la clasificación	42
6.2. Definición de la muestra	43
6.3. Selección de atributos.....	44
6.3.1. Atributos tecnológicos.....	46
6.3.2. Atributos morfológicos	52
6.3.3. Atributos decorativos	73
7. Seriación cerámica de La Ponga	77
7.1. Consideraciones preliminares	77
7.2. Fundamentos de la secuencia cronológica	78
7.3. Cronología de atributos morfológicos.....	79

7.4. Cronología de atributos decorativos.....	84
7.5. Cronología de atributos tecnológicos.....	85
8. La Ponga en perspectiva regional.....	87
9. Conclusiones.....	91
Bibliografía.....	94

Índice de Gráficos

Gráfico A. Cerámica Diagnostica.....	46
Gráfico B. Tratamiento de superficie de la cerámica.....	49
Gráfico C. Engobes en superficie de la cerámica.....	50
Gráfico D. Color exterior de las paredes de la cerámica.....	51
Gráfico E. Pintura Positiva en las paredes cerámicas.....	74

VOLUMEN II

Figuras: 1 a 11

Tablas: 1 a 28

VOLUMEN III

Láminas: 1 a 81

Base de datos

1. Introducción

La presente disertación expone el desarrollo y los correspondientes resultados de un nuevo abordaje al conjunto cerámico del sitio La Ponga, localizado en la actual provincia de Santa Elena, Ecuador, que fue recuperado a través de excavaciones arqueológicas en los años 1976 y 1977 por Pedro Porras Garcés. Este investigador atribuyó el señalado material cerámico exclusivamente a la cultura Machalilla. Tradicionalmente, la cultura Machalilla (1600-800 a.C.) ha sido caracterizada como el punto medio en una especie de “línea evolutiva” entre las ocupaciones Valdivia y Chorrera-Engoroy, en el período Formativo del Ecuador (3500-200 a.C.).

Esta caracterización ha sido puesta en tela de duda a partir de investigaciones arqueológicas recientes en los sitios Cementerio de Machalilla y Ayangue (provincias de Manabí y Santa Elena, respectivamente) realizadas por el Instituto Alemán de Arqueología (DAI) y la Pontificia Universidad Católica del Ecuador (PUCE). Precisamente en esta problemática se encuadra la presente investigación, con el propósito de aclarar el panorama del período Formativo en la costa centro-sur del Ecuador.

El presente estudio se ha planteado como objetivo general obtener una seriación cerámica del sitio arqueológico La Ponga en base al registro estratigráfico proporcionado por Pedro Porras Garcés (1983), que exponga los atributos cerámicos para comprender su comportamiento en correlación con las investigaciones anteriores y actuales, alcanzando, de esta manera, una cronología relativa más fina. En un segundo momento, se han definido los siguientes objetivos específicos:

- Encontrar elementos que aporten al análisis y definición de la cultura Machalilla, mediante el re abordaje de la cerámica del sitio arqueológico La Ponga.
- Confrontar los resultados de nuestro re abordaje de la investigación de Porras, con especial énfasis en las estratigrafías presentadas por autores de investigaciones previas recientes.
- Identificar la existencia de un hiato temporal entre las ocupaciones de las culturas Valdivia y Chorrera en la región.

Los objetivos planteados pretenden responder un cuestionamiento que ha surgido a partir de los estudios de Porras. La tipología ofrecida por este autor (Porras, 1983: 215, Gráf. 11) sostiene que La Ponga es un sitio arqueológico de carácter unicomponente, atribuido a la cultura Machalilla, con particularidades acentuadas. Estas particularidades se manifiestan en la ausencia de ciertos tipos ordinarios definidos por Meggers, Evans y Estrada (1962, 1965), así como en la presencia de tipos cerámicos locales.

Considerando lo señalado, es posible plantearse que la presencia de ciertos tipos cerámicos atribuidos a tiempos posteriores a la ocupación Machalilla (Porras, 1983: 208-211; Meggers, Evans y Estrada, 1965), harían que el yacimiento se trate de un sitio multicomponente. Además, los atributos cerámicos locales mostrarían evidencias de una diferenciación entre sitios asentados tierra adentro y aquellos en la ribera marina, en el marco cultural Machalilla.

Para el desarrollo de la investigación, la presente disertación se ha organizado en tres volúmenes. El volumen I, consistente en el texto de la disertación, dispone de marco geográfico del área del sitio arqueológico (Capítulo 2), seguido de una descripción del marco cronológico cultural del Ecuador, para poder establecer el contexto donde se desenvuelve la cultura Machalilla (Capítulo 3). Posteriormente, en un cuarto capítulo presentaremos los estudios arqueológicos que se han realizado previamente en el sitio y la región. A continuación, se encontrará con una caracterización del estado de la situación, como una especie de “estado del arte”, entorno al estudio del período Formativo en la costa centro-sur del Ecuador, en función de los estudios previamente realizados (Capítulo 5). Posteriormente, en el sexto capítulo encontraremos la clasificación tipológica del conjunto cerámico La Ponga. Durante el séptimo capítulo se expondrá la seriación producida a través de la clasificación tipológica del conjunto cerámico, para pasar al siguiente capítulo (Capítulo 8) en donde se considerarán los resultados en perspectiva regional. Finalmente, se presentarán las conclusiones que ha producido la tipología cerámica (Capítulo 9). En el volumen II de la disertación se encontrarán las respectivas figuras, tablas, mencionadas en el volumen previo. Finalmente, en un tercer volumen, se expondrá el catálogo que ha resultado del proceso de análisis tipológico de la cerámica de La Ponga.

2. Marco Geográfico

El sitio arqueológico La Ponga toma su nombre del caserío cercano, localizado al norte de la provincia de Santa Elena, coordenadas UTM 17S 537664 9790550¹, en las faldas occidentales de la cadena montañosa Chongón-Colonche (ver Figura 1). La distancia por tierra desde la población de Valdivia, ubicada a orillas del Océano Pacífico, hasta el caserío de La Ponga, en el interior inmediato de la costa pacífica, es de 17 Km, y aproximadamente a 100 metros sobre el nivel del mar (Porras 1983).

El territorio ecuatoriano presenta relieves diferenciados. Generalmente, se encuentra directamente relacionado con el levantamiento de la Cordillera de los Andes sobre el encuentro de dos placas tectónicas específicas. Al este, con la terminación occidental del zócalo continental guyano-brasileño, en desplazamiento hacia el oeste donde se encuentra con la placa oceánica de Nazca-Cocos, cuyo desplazamiento es opuesto, es decir hacia el este. En las líneas de contacto, conocidas como zonas de subducción, que se ubican aproximadamente en la Sierra y Costa ecuatorianas, se edificaron los inicios de las elevaciones actuales durante el Período Cretácico (Winkflil, 1982: 4).

Particularmente, la región costa del Ecuador se extiende al oeste de la Cordillera de los Andes con una anchura variable. En el norte mantiene una anchura que varía alrededor de los 100 Km, llegando a los 180 Km en la sección central comprendida entre Guayaquil y Portoviejo, para reducirse a una franja entre 20 y 40 Km en la zona sur.

La cordillera Chongón-Colonche representa los relieves más altos de la costa del Ecuador, siendo bastante fuertes y macizos, formados sobre el complejo volcánico cretácico. Se la puede observar en dos secciones en un eje norte-sur. Una primera parte desde Atacames hasta Jipijapa, en donde su ancho no sobrepasa los 10 Km, ni su altitud los 800 metros sobre el nivel del mar. La segunda sección, que corresponde a nuestra zona de estudio, se presenta continua y más ancha, llegando hasta los 15 Km, y tomando una forma de arco hacia el este, que termina en la ciudad de Guayaquil cubierta por los depósitos recientes de la llanura (Winkflil, 1982: 8).

¹ Coordenadas UTM tomadas a través del Sistema de Información Geográfica de software libre QGIS, versión 3.16.4-Hannover.

La región que comprende a nuestra área de estudio se caracteriza por estar compuesta por relieves colinados en su mayoría bajos, pero que pueden llegar a ser moderados (entre 100 y 200 metros sobre el nivel del mar) por causa de algunos estratos de arenisca que han permitido la formación de pequeñas pendientes (Winkfl, 1982: 9-10). Las costas son acantiladas, altas, con pequeñas bahías intercaladas en las zonas de relieve descritas.

La variabilidad de las condiciones climáticas es muy notable en todo el territorio del país. Debido a su posición geográfica al noroeste del continente sudamericano, el Ecuador se sitúa al límite norte de las zonas influenciadas por la corriente marina fría de Humboldt. Por lo tanto, el sur de la Costa, cerca de la frontera con Perú y en la península de Santa Elena, están sometidas a procesos climáticos desértico o subdesértico. Mientras que la zona de Esmeraldas, en el norte de la Costa, presentan modelados y alteraciones climáticas con todas las características del dominio tropical húmedo, muy similar a la región Amazónica, por influencia de la corriente marina cálida de El Niño. La parte central de la Costa presenta una serie de transiciones entre estos dos extremos (Winkfl, 1982).

El clima en la zona de La Ponga es definido como Tropical Seco, correspondiente al suroccidente de la costa ecuatoriana. Las precipitaciones de lluvias pueden alcanzar los 1000 mm durante la estación lluviosa que comprende entre los meses de diciembre y mayo. La estación seca, por su parte, se extiende entre los meses de junio y noviembre (Enciclopedia del Estudiante. Tomo 20, 2006: 178).

3. Marco cronológico cultural

El esquema de periodización de la cronología ecuatoriana fue establecido en la década de 1960, a partir de los trabajos de Jacinto Jijón y Caamaño, *Antropología Prehispánica del Ecuador* (1952) y de Betty J. Meggers, *Ecuador* (1966). Pese a ser discutido, es el modelo cronológico base de las investigaciones actuales, las cuales lo han ido afinando, actualizando y corrigiendo conforme a los nuevos datos descubiertos. Los períodos generales de la cronología ecuatoriana son los que se detallan en la Tabla 1 (Guillaume-Gentil, 2013; Montalvo, 2016; Meggers, 1966).

Describiendo brevemente a los períodos de este esquema cronológico, tenemos que el período Precerámico o Paleoindio corresponde al Paleolítico Superior europeo, cuyas fechas más tempranas se remontan hace 15000-12000 años en sitios de la cordillera andina como Chobshi, Cubilán y El Inga. Avanzando en el tiempo, tenemos al período Formativo que se caracteriza por la emergencia de la producción cerámica, la agricultura y también huellas de sedentarización de los grupos humanos, particularmente caracterizado por la Fase I de la ocupación Valdivia (Guillaume-Gentil, 2013; Montalvo, 2016).

Posteriormente, el período de Desarrollo Regional (350 a.C. – 450 d.C.) es el lapso temporal donde irrumpe una clara diferenciación en la organización sociopolítica en los asentamientos del territorio ecuatoriano. Se expresa en la proliferación de estilos cerámicos tanto en forma como en decoración. La producción de figurinas elaboradas en serie, mediante moldes, cuenta con un énfasis especial, dado que a través de ella se refleja a las élites que se distinguen del resto de las secciones del grupo social, también llamado señorío o cacicazgo (Meggers, 1966; Guillaume-Gentil, 2013).

Finalmente, el período previo al contacto europeo se denomina Integración (450 – 1532 d.C.). Se le ha nombrado de esta manera porque se caracteriza por el desarrollo de confederaciones de varios de los señoríos del período previo, lo cual ha dejado como evidencia una homogeneización de patrones de asentamiento²³ y de formas cerámicas. Esto

² Principalmente, la construcción de montículos artificiales.

³ Guillaume-Gentil (2013: 65) considera esta visión como simplista acerca de la organización social de las colectividades por lo que prefiere adherirse al postulado de la diversidad de tratamientos de la cerámica en fabricación y decoración.

último provoca que haya una leve caída en la calidad artística de las representaciones en este material. Además, el mejoramiento de técnicas de aprovechamiento del terreno provoca un aumento de la población (Ibid.). Algunos ejemplos de estos centros confederados son, de norte a sur:

- En los Andes: Pasto, Caranqui, Puruhá, Cañari.
- En la Costa: Atacames, Jama Coaque, Manteño-Huancavilca, Milagro-Quevedo.

3.1. Período Formativo

El cuadro temporal en el que ha sido ubicado el contexto cultural del sitio La Ponga es el período Formativo. En la región Andina, este período inicia con la cultura Cotocollao, asentada en el norte de la actual ciudad de Quito⁴. La ocupación Cotocollao se desarrolló entre los años 1800 – 350 a.C. (Montalvo, 2016: TAV. I.1), presentando un patrón de asentamiento en aldeas lacustres, y una producción cerámica con cierta similitud estilística con las cerámicas Machalilla y Chorrera-Engoroy, que sostiene una interacción entre Costa y Sierra ecuatorianas durante el período Formativo Medio (Marcos, 1998: 313-315).

Mientras que en la región Costa, donde se ubica nuestro sitio de interés, se considera que el período Formativo inició alrededor del año 4400 a.C. con la fase inicial de la cultura Valdivia (Marcos, 1998). El modo de vida de los asentamientos humanos en este período radicaba en el aprovechamiento de recursos de tierra y mar. La producción cerámica consta de recipientes y figuras antropomorfas, en su mayoría femeninas, pero también muchas otras presentando ambigüedad de género. Finalmente, el patrón de asentamiento común es el que se muestra en el sitio Real Alto⁵, con casas ovaladas sobre una elevación natural (Guillaume-Gentil, 2013: 57) (Figura 2).

Dentro de este período, la cultura Machalilla es característica del lapso temporal denominado como período Formativo Medio, a partir de que ha sido considerada por mucho

⁴ Sin embargo, investigaciones en los últimos 9 años han replanteado el inicio de la ocupación Cotocollao en el período Formativo. Véase: Ugalde, María Fernanda, 2019, “Rancho Bajo: Primeras evidencias del Precerámico terminal en Quito”, en *Arqueología Iberoamericana*, Vol. 42, pp. 14-27, ISSN 1989-4104. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3477614>

⁵ El sitio arqueológico se localiza en la parroquia Chanduy, al sur de la provincia de Santa Elena.

tiempo como una evolución de la cerámica Valdivia. Además, tiene una difusión amplia en la Costa ecuatoriana e incluso mucho más hacia el interior, llegando a influir en el norte y en el sur de los Andes del país, así como en la región Amazónica (Montalvo, 2016: 21).

Más allá de las definiciones que ha establecido Emilio Estrada (1958), la cultura Machalilla ha permanecido desconocida por la falta de investigaciones concentradas en ella, siendo publicada solamente la investigación de Ronald Lippi (1983). Es relevante añadir que el abordaje de Betty Meggers, Clifford Evans y Emilio Estrada (1965) resulta insuficiente dado que su obra se concentra desproporcionadamente sobre la cultura Valdivia.

Estos estudios proponen que Machalilla es un punto medio en una línea evolutiva entre las culturas Valdivia y Chorrera-Engoroy; es decir, entre el Formativo Temprano y el Formativo Tardío. Sin embargo, esta tesis no cuenta con suficiente sustento. Por lo tanto, se constituye en uno de los importantes motivos por el que se han producido nuevas investigaciones arqueológicas en el contexto Machalilla, las cuales se tratarán a continuación como parte de los antecedentes arqueológicos que conciernen a nuestro caso de estudio.

4. Antecedentes arqueológicos

El sitio de La Ponga fue descubierto por Presley Norton y Felipe Cruz, cuyo registro de trabajos es prácticamente inexistente por pérdida de la información causada principalmente por deterioro de las bases de datos y extravío de registros. Las investigaciones dentro del área de estudio tienen un inicio en la década de 1950 del siglo XX, principalmente con investigadores extranjeros de Norteamérica y Europa, muchas de ellos invitados por personajes nacionales y extranjeros radicados en el Ecuador, interesados en la arqueología y los vestigios de las sociedades precoloniales del país, como Carlos Zevallos Menéndez, Richard Zeller, Jacinto Jijón y Caamaño, o Emilio Estrada.

4.1. Emilio Estrada

Precisamente, Emilio Estrada es a quien se atribuye la definición de la cultura Machalilla a partir de sus exploraciones y cateos arqueológicos realizados en la población del mismo nombre, dentro de una serie de trabajos arqueológicos efectuados a lo largo de la ribera pacífica del Ecuador. Es así que, en el año 1958, publica los resultados de estos trabajos arqueológicos realizados en el cementerio de la población de Machalilla y sus adyacencias.

El inicio de los análisis de Estrada acerca del material Machalilla se da sobre las muestras obtenidas por sus exploradores, a mediados del año 1957, cuando apresuradamente y ante el estado naciente de las investigaciones en la zona de Machalilla, se lo considera como una fase transicional entre Valdivia y Chorrera. Esto sucede porque el tipo *Ayangue Inciso* estaba definido en ese entonces como típicamente Chorrera⁶. Además, esta nueva fase descubierta se caracterizaba por la botella de asa-estribo (Figura 3) presente en todos los niveles de los cortes (Estrada, 1957: 47).

Con el paso del tiempo, las observaciones acerca de este material exponen, según Estrada (1958: 12), el uso de la pintura roja por primera vez y nuevas formas de recipientes, como el asa de estribo precisamente. Estos atributos contrastan con aquellos de la cerámica

⁶ Es necesario señalar que, al tiempo señalado, solo se contaban con los novedosos descubrimientos de Bushnell en 1951 en el suroeste de la costa del Ecuador, y las investigaciones iniciales de Francisco Huerta Rendón en el sitio La Chorrera, en la ribera oriental del Río Babahoyo, continuadas por Meggers y Evans, mediante invitación de Estrada en el año 1954 (Bischof, 1975a).

Valdivia, tales como monocromía, decoraciones incisas, punteadas, sobreposiciones y bajos relieves.

Además, las figuras antropomorfas de estilo Valdivia desaparecen, siendo las figuras con otros atributos, como los ojos tipo grano de café, las que ganarían predominancia. En otros aspectos, se encontró una densidad alta de restos de moluscos, que contrastan con la ausencia de vestigios de metal, torteros para hilar, sepulturas y estructuras (Estrada, 1958: 55).

Las excavaciones realizadas por Estrada en el cementerio de la población moderna de Machalilla, donde se asienta el sitio arqueológico, persiguieron encontrar evidencias de ocupaciones anteriores y posteriores a la ocupación precolonial Machalilla, sin obtener tales resultados. Esta ausencia de evidencia provoca que Estrada caracterice al sitio como unicomponente. Sin embargo, en un sitio ligeramente al sur del cementerio se encontraron restos de cerámica Guangala⁷ (Estrada, 1958: 53).

Los análisis que realiza Estrada estiman una ubicación temporal de la cultura Machalilla alrededor del primer milenio antes de nuestra era⁸, dentro del período Formativo Temprano, como una ocupación posterior a la cultura Valdivia por sus atributos más complejos con respecto a esta, a pesar de ser una ocupación muy corta y poco extendida en la costa del Ecuador.

De hecho, se señala la presencia de Machalilla en el corte Valdivia G⁹ en las etapas previas a la desaparición de la ocupación Valdivia con los tipos *Machalilla Bandas Rojas*, *Machalilla Corrugado*, y otros tipos identificados en otros sitios del Formativo, como el *Ayangue Inciso*; con lo que se establece que Machalilla y Valdivia tuvieron relación directa o contacto (Estrada, 1958: 93). A propósito, sería justamente Estrada (1962: 64) quien

⁷ Cultura Guangala (100 a.C. – 800 d.C.): sus asentamientos ocuparon principalmente la península de Santa Elena y el Golfo de Guayaquil, siguiendo la franja costera comprendida entre el Océano Pacífico y la cordillera Chongón-Colonche, hasta aproximadamente la Isla de la Plata, al norte. Destacan sus ocarinas cerámicas antropomorfas, notablemente pulidas, decoradas con incisiones que representan al tatuaje o a la pintura corporal de los personajes. Su vajilla cerámica se destaca por paredes finas, pulidas, decoradas con pintura precocción tricolor marrón, negro y rojo (Ontaneda, 2010).

⁸ Es decir, año 1000 a.C.

⁹ Cedido de las excavaciones de Meggers y Evans, realizadas en el mismo año en el sitio G-31. Véase Meggers, Evans y Estrada, 1965: página 16.

mencionaría en un momento posterior, que el tipo *Ayanque Inciso* tiene su primera aparición en la cerámica Machalilla.

La cerámica Machalilla también muestra por primera vez la presencia de engobes negruzcos o rojizos altamente pulidos sobre paredes delgadas, podos huecos y pintura positiva en bandas. Es importante, según Estrada (1958: 94), que en Machalilla esté ausente el tipo *Iridiscente* porque de este modo pudo definirla como una cultura anterior a Chorrera-Engoroy, dado que esta cultura tiene a este tipo cerámico como característico de su ocupación. Además, en el sitio Ayangué, atribuido justamente a Chorrera, Estrada encontró en las capas más tempranas los tipos que se encontraron en el corte Valdivia G, comprobando su ubicación intermedia entre Valdivia y Chorrera.

4.2. Betty Meggers, Clifford Evans y Emilio Estrada

Posteriormente, Estrada trabaja en conjunto con el equipo investigativo del *Smithsonian Institution*, liderado por Betty J. Meggers y Clifford Evans. Durante sus múltiples investigaciones en el territorio ecuatoriano, su contribución en el estudio del período Formativo de la costa es de especial importancia.

El estudio de lo que los mencionados autores llaman como “Fase Machalilla” se sostiene en una serie de recolecciones superficiales y excavaciones de niveles arbitrarios en los sitios Machalilla Cementerio (M-28) y La Cabuya (G-110), complementado por una pequeña recolección superficial en el sitio G-112. A través de la cerámica del sitio La Cabuya, recuperada por Meggers, Evans y Estrada (1965) mediante tres cortes que alcanzan niveles estériles a 40 cm de profundidad, definen el Período C de Machalilla.

El sitio M-8 corresponde al sitio excavado por Estrada, anteriormente detallado, en donde se realizaron seis cateos en los que señalaron que los depósitos se encontrarían entre 40 cm y 120 cm, con escasa presencia de fragmentos cerámicos debajo de los 80 cm. Por otro lado, la recolección superficial del sitio G-112, localizado detrás de la bahía de Ayangué, fue realizada al margen de un salitral del que se recuperaron fragmentos que Meggers, Evans y Estrada (1965: 111) consideraron como tempranos de la “Fase Machalilla”.

A partir de una muestra reconocida como insuficiente por los mismos investigadores (Meggers, Evans y Estrada, 1965: 141), se produjo una seriación cerámica consistente en seis tipos no decorados y dieciséis decorados, los cuales, a su vez, se basaron en las diferencias de tratamiento de superficie, pasta, técnica y motivos decorativos, cuyo resultado se expresa en un esquema complejo de frecuencias con base en el método “Ford” (Ibid.: Figuras 89 y 90).

Generalmente, los investigadores mencionados definen a la cerámica Machalilla como construida por acordelado¹⁰, con acabados de superficie suaves y uniformes, mostrando cierto pulimento. Las principales técnicas decorativas son incisiones finas y bandas rojas, esta última presente en la mitad de los fragmentos decorados. Los motivos decorativos, sin importar la técnica de ejecución, son rectilíneos. Otras decoraciones comunes se tratan de muescas o incisiones cortas en las carenas angulares de los cuencos o jarras, en combinación con otras técnicas decorativas (Ibid.: 117).

Las formas de los recipientes, por su parte, se caracterizan por un hombro angular en muchas variedades de cuencos carenados y por la tendencia a cambiar abruptamente la silueta en jarros. No hay presencia de una forma de bases que puedan ser consideradas diagnósticas, lo que implica que pudieron ser bases redondeadas o ligeramente planas, siguiendo la silueta de las paredes de los recipientes (Ibidem).

La seriación fue realizada usando la cerámica recolectada de los sitios M-28, G-110, recolección superficial del sitio G-112, cuyos niveles correspondientes para cada período formado se encuentran resumidos en la Tabla 2. Los restos de estos dos últimos sitios fueron ubicados dentro de la seriación en el lugar donde mejor encajaban. El tipo *Ayangue Inciso* muestra un pequeño, aunque sostenido, crecimiento desde niveles tempranos hacia los tardíos. Varios de los tipos decorados menores están ausentes en niveles tempranos, aunque se considera este suceso como consecuencia de la muestra pequeña (Ibid.: 141).

El origen del tipo *Ayangue Inciso* sería intrusivo de Mesoamérica debido a su similitud en técnica, motivos y forma del recipiente. Los autores sostienen esto a partir de que no se encuentra representado en los niveles de los sitios G-54 y M-28 atribuidos a la

¹⁰ Traducción al español del término inglés *coiling*, también denominado como “urdido”. Sin embargo, “acordelado” es la palabra más convencional dentro del ámbito de la arqueología ecuatoriana.

coexistencia de Machalilla con otras ocupaciones culturales. Mientras que el tipo *Machalilla Inciso y Rojo en zonas*, así como *Machalilla Punteado y Rojo en zonas* son definidos como evoluciones locales por su ocurrencia en niveles tempranos, añadido a que sus formas se refieren a aquellas del tipo *Machalilla Bandas Rojas* (Ibid.: 141-143).

En cuanto a las formas de los recipientes, durante el periodo A de Machalilla se popularizan los cuencos carenados 2 y 3, así como el jarro 12. Es importante señalar que para el periodo B de Machalilla no hubo un análisis de bordes y formas, lo cual llama poderosamente la atención. Para el período C son diagnósticos los cuencos 6,7,9 y 10. Pese a que los cuencos 5 y 15 están en toda la secuencia, son más populares en el período C. Las botellas de asa-estribo y de pico cilíndrico están en toda la ocupación de la *Fase Machalilla* (Ibid.: 143).

En síntesis, Meggers, Evans y Estrada (1965: 143-144) señalan que el Machalilla período A se representa por el sitio M-28, caracterizado por la presencia del tipo *Machalilla Inciso*, y la popularidad culminante de *Machalilla Hombro Adornado*. Machalilla período B se representa solo por una pequeña recolección de superficie del sitio G-112, y se lo define como transicional y sin caracterización. Mientras que Machalilla período C muestra una proliferación de tipos decorados, en los que destaca notablemente el tipo *Ayangue Inciso*.

Las dataciones relativas realizadas por Meggers, Evans y Estrada (1965: 147-148) muestran fragmentos de la Fase Valdivia, períodos C y D (tardíos), dentro de la Fase Machalilla. El suceso registrado en las seriaciones de ambas culturas permite a los autores señalados decir que Machalilla tuvo una ocurrencia correspondiente a los períodos tardíos de Valdivia, evidenciado en los fragmentos de Valdivia en Machalilla temprano y de esta última en Valdivia tardío.

Las dataciones absolutas proporcionadas por Meggers, Evans y Estrada corresponden al sitio G-110 (La Cabuya), a partir de muestras de carbón y de concha. Existe un problema en este aspecto con los autores, el cual radica en que, aparentemente, no se preocuparon por hacer las correcciones en las procedencias de las muestras que se encontraban perturbadas por una pendiente del terreno de la excavación. Por este motivo, las dataciones se contraponen a las interpretaciones desde las dataciones relativas porque no muestran ninguna sobreposición de ocupaciones (Ibid.: 149, Table G).

4.3. Henning Bischof

Por otra parte, se cuenta con el valioso aporte de las investigaciones de Henning Bischof en la costa suroeste del Ecuador desde la década de 1960, algunas de ellas realizadas junto a Richard Zeller. Precisamente en el año 1960 realiza los trabajos en el sitio de Palmar, con el interés sobre el Formativo Tardío de la costa del país, comúnmente denominado Chorrera (sitio tipo) o Engoroy (variante costanera).

Palmar es un pueblo costeño a pocos kilómetros al sur de Ayangue, en donde Bischof (1975a: 16) logró identificar un complejo cultural anterior a Guangala, muy similar a la fase Chorrera descrita por Meggers y Evans en 1957, aunque no idéntico principalmente por la ausencia del tipo diagnóstico *Iridiscente*. En consecuencia, este complejo cultural no debía ser tomado como diagnóstico de Chorrera, lo cual, a su vez, lleva al autor a proponer la hipótesis de una diferenciación fuerte entre el material Chorrera de la cuenca del río Guayas y el material de la zona costanera de la misma filiación cultural, variante que será denominada como Engoroy.

Esta primera investigación en Palmar arrojó la identificación de períodos Engoroy Temprano (1-2) cuyo conjunto cerámico no pudo aislarse completamente debido a encontrar fragmentos cerámicos de períodos culturales anteriores, desde Valdivia C y D (Meggers, Evans y Estrada, 1965) hasta Engoroy temprano¹¹. Efectivamente, la cerámica ordinaria cuenta frecuentemente con pintura roja, determinada como una evidencia Machalilla, mientras que, por otra parte, se ausenta el *Ayangue Inciso*, característico de Machalilla tardío (Bischof, 1975a: 21). También se identificaron los períodos posteriores Engoroy 4 y 6, y Guangala 1.

¹¹ En este punto Bischof recalca la importancia que tendría la investigación que descubrió el sitio de La Ponga, realizada por Presley Norton y Felipe Cruz, debido a su aparente carácter transicional entre Machalilla y Engoroy (Bischof, 1975a: Nota 6, página 30). Lamentablemente, como se señaló en páginas anteriores, la información acerca de las investigaciones en La Ponga realizadas por estos personajes es prácticamente inexistente, principalmente por el deterioro severo que sufrió el archivo del centro de investigaciones de Norton en Salango, provincia de Manabí (Mtr. Fernando Mejía, comunicación personal). Encontrar documentación sobre el descubrimiento de La Ponga requeriría una investigación exhaustiva de archivo en los repositorios del Ministerio de Cultura y Patrimonio del Ecuador localizados en Guayaquil, ciudad de origen de Presley Norton, y donde se encuentra el museo que lleva su nombre, el cual hace parte la red de museos del ministerio señalado.

Bischof (1975a: 26) señala que el final de Machalilla y el inicio de Engoroy deben fijarse alrededor del 900 a.C., sostenido tanto por la ausencia del tipo *Iridiscente* en el corte B del sitio Véliz, fechado en 850 ± 115 a.C.; así como una datación idéntica del nivel de los tiestos del sitio La Cabuya con el tipo *Estampado Zig-Zag*, vinculados al Machalilla tardío.

Posteriormente, este mismo autor presentará los resultados de su análisis del material del período Machalilla más antiguo (períodos 1 y 2) identificado en sus excavaciones en el sitio Palmar, dentro de su contexto estratigráfico. Bischof (1975b: 45) hace hincapié en señalar que no fue posible hacer una separación clara del material entre Machalilla Temprano y los períodos posteriores, debido a las continuidades formales, decorativas y tecnológicas notables en algunos casos en períodos posteriores a la ocupación Machalilla.

Los tipos formales definidos para Machalilla Temprano constan generalmente de cuencos abiertos, cuencos carenados, platos carenados, ollas sin cuello, ollas con cuello vertical, ollas con borde evertido, ollas con emboque amplio y con emboque restringido. Comparando con las 15 formas establecidas por Meggers Evans y Estrada (1965), puede dar cuenta que 10 de ellas se encuentran en Palmar (Bischof, 1975b).

En el aspecto decorativo, en 97% de los tiestos de Palmar predominan las decoraciones *Machalilla Bandas Rojas*, *Machalilla Inciso y Rojo en Zonas*, *Machalilla Punteado y Rojo en Zonas*, y *Machalilla Inciso Doble línea*. Estos se limitan a presentar campos semicirculares o trapezoidales cubiertos de rojo, arcos zonificados acompañados por incisiones o punteado, y bandas anchas paralelas. Sobre los bordes evertidos de ollas se encuentran bandas sobre el labio que limitan el dentro y fuera, a veces acompañadas con una línea ondulada. En las carenas de los cuencos también es posible encontrar muescas o pequeñas incisiones verticales (Ibid.).

Por otra parte, la continuidad a tiempos posteriores se representa exclusivamente por formas abiertas, aún más diagnósticas que las ollas con borde evertido decorado con bandas rojas, apreciables desde Machalilla 2 hasta Engoroy Temprano. Para el Machalilla 3 son diagnósticos los cuencos carenados con borde alto engrosado, decorados con Bandas rojas, incisiones, decoración plástica y pocas formas del *Ayangue Inciso*. Precisamente este último tipo es característico de Machalilla 4, así como los cuencos carenados con borde bajo pintado rojo, que se prolongan hasta Engoroy Temprano (ver Figura 4).

Para Bischof (1975b: 51) es difícil establecer cronológicamente el origen de Machalilla, pero, en contraparte, sí es posible establecer su límite tardío con Engoroy en el 1150 a.C. El autor sostiene que, estimando una ocupación general de Machalilla entre 600 y 800 años, es posible dar una fecha tentativa para el segundo período entre 1950-2200 a.C., considerando a La Ponga como un potencial Machalilla 5 transicional al Engoroy.

Sin embargo, se cuenta con la evidencia de ciertos sitios Valdivia con material Machalilla. Por ejemplo, en Buena Vista el material del período Valdivia C se encuentra en asociación a cerámica de Machalilla 2, faltando tipos de períodos posteriores como *Machalilla Inciso* (período 3) y *Ayangue Inciso* (período 4). Igualmente, en el sitio Valdivia Alto 76 m, se encuentra la mayor parte de material Machalilla correspondiente al periodo 2 (Bischof 1975b: 53).

4.4. Pedro Porras

Hasta este punto se han señalado las investigaciones acerca de los sitios de filiación Machalilla y con evidencia de ella dentro de su secuencia, que tienen relación con el sitio La Ponga. Ahora es momento de abordar la investigación que recolectó el conjunto cerámico que se analiza en esta disertación: las excavaciones en La Ponga de Pedro Porras Garcés en diciembre de 1976 y febrero de 1977.

La investigación persiguió obtener datos sobre paleoambiente, medios de subsistencia y la población del sitio. El trabajo de campo consistió principalmente de excavación de cinco cortes de 2m² cada uno, controlados por niveles arbitrarios de 20cm. Durante la primera jornada de campo se excavaron los cortes A y B, ubicados sobre una colina de 15m aproximadamente, mientras que en la segunda jornada se realizaron los cortes restantes C, D y E, al pie de la colina como muestra la Figura 5 (Porras, 1983: 152), recolectando abundante material cerámico, y mucho menos material lítico.

La tipología cerámica que muestra Porras se rige mucho a aquella realizada por Meggers, Evans y Estrada dado que, según el autor (1983: 159), la cerámica de La Ponga encaja perfectamente en los lineamientos generales de la tradición Machalilla. Sin embargo,

se reserva la denominación de algunos tipos locales, por no haber correspondencia con los tipos de Meggers, Evans y Estrada (1965). Los tipos que estableció son:

- Machalilla: Ordinario, Pulido, Rojo Pulido, Doble Línea Incisa, Punteado y Rojo Zonal, Bandas Rojas, Decorado Plástico, Punteado Zonal, y Ayangue Inciso.
- La Ponga: Acanalado, Bandas Negras sobre Leonado, Negro sobre Rojo, Bandas rojas y Negras sobre Leonado.

Las correlaciones de las formas son complicadas de apreciar dado que no guarda la misma denominación con su referencia principal, que es el trabajo de Meggers, Evans y Estrada. Esto genera un vacío que impide la correcta correlación con el resto de los autores citados, lo que nos lleva a considerar que la evaluación de las formas sea abordada en el acápite siguiente, así como en las conclusiones de la tipología que hemos formado desde el análisis del material del mismo Porras.

Las dataciones realizadas por el autor (Porras, 1983: 221) arrojan dos fechas, 1000 a.C. y 890 a.C., mientras que las fechas de Meggers, Evans y Estrada señalan el inicio del período C de Machalilla para el 1370 a.C. en el sitio La Cabuya. Teniendo en cuenta la datación de Bischof para su Machalilla 2 entre 1950 y 220 a.C., es posible inferir que La Ponga corresponde al período tardío de la ocupación Machalilla.

Según las observaciones de Porras (1983: 222), en La Ponga no hubo sobreposición de ninguna cultura posterior, y propone una ocupación breve de 150 años, difiriendo, a su vez, con la apreciación de Bischof que señala la continuidad de determinadas formas y decoraciones en periodos posteriores. Finalmente, propone que la subsistencia del asentamiento de La Ponga se basaba en la pesca, debido a los restos óseos encontrados, y a la horticultura. En ese sentido, establece la hipótesis de intercambio de productos agrícolas desde La Ponga por productos de la pesca provenientes de la ribera marina de Valdivia (Porras, 1983: 224).

4.5. Ronald Lippi

4.5.1. Sitio Río Perdido

Para empezar el abordaje de los trabajos de Lippi en La Ponga debemos referirnos brevemente a su investigación previa realizada en el sitio Río Perdido (Lippi, 1980). Su investigación en este sitio propone un hiato temporal entre las culturas Valdivia y Machalilla, en lugar de un contacto entre sus respectivas fases tardía y temprana, aunque posteriormente se señale que existen contemporaneidades cortas entre ambas ocupaciones (Ibid.: 48).

Para tales efectos propone, no una tipología o una seriación, sino una observación de porcentajes de concentración de grupos cerámicos formados en base a las tipologías Valdivia elaboradas por Hill (1972), y Machalilla elaboradas por Meggers, Evans y Estrada (1965). Esta metodología sigue su postulado (Lippi, 1980: 130) de evadir los problemas teórico-metodológicos de la producción de tipologías, seriaciones y, a partir de estos dos, cronologías relativas.

Retomando la hipótesis del hiato entre Valdivia y Machalilla, llama la atención que el autor (Ibid.: Figura F) presente en sus ilustraciones una ocurrencia uniforme de recipientes con atributos “compartidos”, lo cual contradice lo inicialmente sostenido. Del mismo modo sucede cuando enuncia que, si se hace un examen poco más minucioso de los depósitos de Río Perdido, no se encontrará evidencia de cambio abrupto o discontinuidad entre Valdivia y Machalilla (Lippi, 1980: 57-58).

De hecho, los estratos mezclados de los cortes de excavación contienen una cantidad de fragmentos de vasija denominadas *cross-over*, que igualmente se caracterizan por ser atribuibles a Valdivia y a Machalilla. Sin embargo, no se las toma en cuenta dado que, al expandir su observación en el resto de los niveles, aumentarían su cantidad, refutando la hipótesis del hiato que sostiene:

“One could perhaps argue that these results lend a weak support to the existence of the hiatus [...]. It is probably more prudent, however, to conclude simply that the amount of mixing, particularly in the critical middle levels, has been shown not to be overwhelming” (Lippi 1980: 59).

4.5.2. Sitio La Ponga

El interés en la costa sur ecuatoriana de Lippi se prolonga de tal forma que realiza su tesis doctoral en el sitio La Ponga, en donde ejecuta sus trabajos de campo en el segundo semestre de 1978, es decir, después de la investigación de Pedro Porras (1976-1977). El objetivo de Lippi (1983) fue establecer una cronología única de Machalilla para resolver cuestiones históricas, principalmente la diversidad de terminología de los tipos y atributos formados hasta ese entonces.

Llama poderosamente la atención el uso que hace Lippi de los pozos que fueron abiertos por los huaqueros¹² locales, para realizar sus sondeos arqueológicos. De hecho, asume que tales pozos de saqueo son una ayuda para su investigación, que él simplemente “reutiliza”. La consecuencia de este recurso, por denominarlo de alguna manera, es que Lippi (1983: 77-78) no puede identificar una diferenciación estratigráfica de las ocupaciones Valdivia y Machalilla.

No obstante, a partir de la cerámica recolectada, el autor propone para el sitio una cronología relativa basada no en una tipología, sino en la identificación de atributos principalmente decorativos, escasos atributos morfológicos, y dejando de lado a los atributos tecnológicos de un modo a priori, específicamente para el caso. Según Lippi (Ibid.: 225), este procedimiento es denominado como *similiary seriation*, cuyas bases fueron delineadas por Rowe (1959, 1961).

En esta metodología, los atributos formales serán temporalmente sensibles mientras que los decorativos serán marcadores de cambio. Consecuentemente, una vez identificado la continuidad de solamente un atributo morfológico y su progresión evolutiva, se consideran las decoraciones a él asociado.

Este método es aplicado a la cerámica recolectada en sus trabajos en La Ponga, a la que añade el conjunto cerámico del sitio Río Perdido previamente excavado (Lippi, 1980),

¹² Derivado del término de lengua Quichua *huaca*, que se refiere a las sepulturas de los indígenas sudamericanos, principalmente del área andina. Se denomina como “huaqueros” a los saqueadores de sitios arqueológicos o buscadores informales de objetos arqueológicos, cuyas actividades producen disturbios y alteraciones en los contextos arqueológicos de los yacimientos.

con el propósito de crear una cronología Machalilla única. Tal cronología fue esbozada por la descripción de tres evoluciones temáticas¹³ intuitivamente lógicas de considerable evolución (cuencos carenados, rojo sobre crema o *red-on-buff*, y grabado o *engraving*), junto con la de cuatro temas de menor evolución (Lippi 1983: 433).

Con el afán de ser sucintos, podemos resumir la metodología de seriación de Lippi como la revisión de las tipologías de Valdivia Tardío de Hill (1972) y Chorrera Temprano de Simmons (1970), para tomar a los cuencos carenados como la forma de recipiente con duración entre estas ocupaciones señaladas, a través de Machalilla. Posteriormente identifica una evolución del tipo morfológico del cuenco carenado dentro de aquel lapso temporal (Lippi, 1983: Figura 54), estableciéndola como su columna vertebral para identificar los atributos menores que se reflejen en las diferentes expresiones de los cuencos carenados.

A partir de este esquema metodológico, Lippi (1983: 319) crea de una manera arbitraria, siete fases de ocupación Machalilla y una fase Chorrera Temprano para el sitio La Ponga. Es muy importante señalar que ninguna de estas definiciones cuenta con una correlación estratigráfica, de niveles naturales o arbitrarios, que fundamente su definición de sus ocho fases.

Finalmente, en materia de datación del sitio, después de presentar y descartar una amplia lista de fechas radiocarbónicas anteriormente publicadas, Lippi (1983: 353-354) data a La Ponga, mediante sus tres muestras extraídas, entre 1200 - 800 a.C., sin poder precisar el inicio o el fin de la ocupación Machalilla. Este lapso temporal comprendería una duración de 400 años, correspondiendo 50 años para cada una de las ocho fases definidas por el autor en mención.

¹³ El autor denominará *tema* a los atributos morfológicos o decorativos que se han expresado en las tipologías anteriores. Eventualmente denominará *tradición* a aquellos atributos que ha percibido que cuentan con una duración larga.

4.6. Pontificia Universidad Católica del Ecuador e Instituto Alemán de Arqueología

En un proyecto conjunto entre la Pontificia Universidad Católica del Ecuador (PUCE) y el Instituto Alemán de Arqueología (DAI, por sus iniciales en alemán), se regresa a investigar el sitio que dio el nombre a la cultura Machalilla hace casi 65 años, cuando fue excavado por Emilio Estrada: el cementerio de Machalilla¹⁴.

Para este retorno, este sitio fue denominado Ma-Cem y el objetivo que motivó su investigación fue obtener datos sobre la cultura Machalilla mediante excavaciones arqueológicas en área, persiguiendo aclarar el panorama oscuro que envuelve a esta cultura y por el que se la conoce muy poco (Prümers y Ugalde, 2018: 6).

Los autores (Ibid.:15) plantean que el concepto clásico de un desarrollo unilineal entre las tres culturas del período Formativo, empezando en Valdivia, pasando por Machalilla y terminando en Chorrera-Engoroy, debe ser puesta en debate dado que hay la ocurrencia de un hiato muy probablemente provocado por un evento volcánico cerca del año 1450 a.C. en algunos sitios investigados en la provincia de Manabí, que contrastan con la continuidad mostrada en los sitios de la costa sur ecuatoriana.

Para un control estratigráfico de los cortes de excavación, la investigación optó por documentar a toda ocurrencia notable en el terreno como rasgo. En consecuencia, tanto estratos naturales como culturales se constituyen como rasgos, evitando interpretaciones apresuradas antes de que la estratigrafía haya sido aclarada y definida mediante una observación minuciosa en un momento posterior (Ibid.: 22).

Como resultado del fino control estratigráfico, se logra identificar el rasgo 2 como el principal estrato cultural dentro del corte realizado, a pesar de la intensa perturbación de factores naturales y antrópicos contemporáneos en el subsuelo de Ma-Cem (Figura 6). El rasgo en cuestión concentra casi todo el material cultural, el cual pertenece a Machalilla (Ibid.: 26).

¹⁴ Cabe señalar que en el marco de este proyecto también se excavó el sitio Ma-Lan (Machalilla Landívar) el cual arrojó evidencia posterior a Machalilla. Es decir, del período Formativo Tardío con la ocupación Chorrera-Engoroy, y del período Desarrollo Regional con las ocupaciones Bahía y Guangala. Por esta razón, no se considerará a Ma-Lan en esta disertación.

En cuanto a las dataciones radiocarbónicas, se logró un afinamiento gracias a técnicas más precisas de calibración de fechas, en comparación a las dataciones realizadas hace 65 años. Es por esta razón que se obtuvieron cuatro fechas radio carbónicas con un rango de 200 años cada una de ellas (Ibid.: 29). Sobre este tema, hablaremos a detalle más adelante, en conjunto con las fechas que aportan el resto de las investigaciones que hemos tratado hasta el momento.

Pasando a la cerámica recolectada en Ma-Cem, esta comprende de fragmentos muy reducidos debido a su exposición a pisoteo. La mayoría de los casos presenta una pasta muy fina con desgrasante de arena apenas visible. En algunos casos, también se presenta un desgrasante de arena gruesa blanca, como en el sitio La Cabuya descrita por Meggers, Evans y Estrada. Como novedades se presentan bolas de barro de 5mm y cerámica molida como desgrasante (Ibid.: 30).

En cuanto al tratamiento superficial, este no es de buena calidad porque produce paredes irregulares con estrías de pulimento y alisado. En algunos casos, este tratamiento ha expuesto el desgrasante en la superficie de la pared que, junto a la cocción, agrietó a la superficie de la vasija. Por otro lado, es frecuente el engobe rojo el cual es comúnmente pulido (Ibidem).

La decoración de los recipientes se limita a áreas específicas. En el caso de la pintura, la banda roja alrededor del borde es lo más frecuente, seguido de grupos de líneas, diseños geométricos, y escasas líneas onduladas paralelas al labio de ollas de cuello evertido. Se presenta una decoración que da una apariencia de acuarela, que posiblemente se realizó en un fondo mojado para lograr tal efecto (Ibid.: 31).

Los fragmentos de cuencos carenados y ollas con hombro resaltado muestran una decoración con apliques redondos, muescas y gibas redondeadas. Todas estas fueron clasificadas por Meggers, Evans y Estrada como *Machalilla Hombro Adornado* (*Machalilla Embellished Shoulder*, en inglés), y en la investigación de Prümers y Ugalde (Ibidem) constituyen, junto con los fragmentos pintados, el 95,7% de las piezas decoradas.

Proporcionalmente similar se encuentran las formas cerámicas, en donde prevalecen los cuencos carenados y las ollas de cuello evertido, contrastando con la escasez de cuencos

sin carena y ollas pequeñas carenadas; todas ellas con bases aparentemente redondeadas. Se reporta, además, la ausencia de los tipos *Ayangue Inciso* y *Machalilla Doble Línea Incisa* que Meggers, Evans y Estrada definen a partir de recolecciones de material en sitios fuera de Machalilla (Ibid.: 31-32).

El proyecto de investigación concluye que los sitios multicomponentes del período Formativo comúnmente excluyen a Machalilla, excepcionando a La Ponga y Salango. Sin embargo, hay una exclusión llamativa entre los sitios Ma-Cem y Ma-Lan que radica en que el segundo no presenta material Machalilla como el primero, pese a la cercanía entre sí (Ibid.: 139).

Finalmente, la contribución de fechas calibradas de la ocupación Machalilla en el sitio epónimo es crucial para entender el período Formativo. Estas fechas oscilan entre los años 1385 y 940 a.C., que confirman sólidamente los supuestos de Estrada de que Machalilla estaría cerca del milenio I a.C. Sin embargo, también confirman el problema del hiato referido por autores anteriores, principalmente Lippi (Ibid.: 140).

5. El período Formativo “Medio” en la costa centro-sur del Ecuador: el caso de La Ponga y la problemática Machalilla.

Una vez se ha pasado revista a las principales investigaciones concernientes a la cultura Machalilla, consideramos oportuno realizar una evaluación de ellas. En primer lugar, hay que señalar que la costa ecuatoriana ha sido víctima de saqueo y excavaciones informales desde la década de 1940 hasta la actualidad, aunque quizás no con tanta intensidad que en tiempos anteriores.

Es en este marco general donde se han desarrollado la mayoría de las investigaciones que hemos mencionamos. A él se añade el hecho de que no hay prevención o rescate patrimonial consistente en caso de movimiento de tierras y alteraciones del subsuelo, generalmente por obras civiles. Solamente en los últimos años se han desarrollado algunas investigaciones sistemáticas y rigurosas en el levantamiento de los contextos que han permitido un rescate pertinente de los contextos de sociedades precoloniales

5.1. Diversidad de criterios

En cuanto a la investigación en general del período Formativo, las intervenciones arqueológicas hasta fines del siglo pasado no han arrojado datos suficientes para comprender a este lapso temporal. Aquellas investigaciones, además, no han contado con una correlación u homologación de sus datos para tener un fundamento concreto sobre el cual erigir un concepto sobre las culturas del período, que en el caso de Machalilla se trata de una situación más intensa. Es por este motivo que las investigaciones, especialmente las más antiguas, suelen ser sujetas a recalibración o nuevos abordajes para justamente intentar tener una uniformidad de criterios.

Para empezar, un ejemplo relevante y claro es el uso de criterios para delimitar las ocupaciones culturales en un territorio. Por un lado, Lippi (1980, 1983) y Meggers, Evans y Estrada (1965) hacen uso del criterio geográfico de *fase*, que radica en la expansión en espacial de una cultura. Enfrentado a este criterio, tenemos a Bischof (1975a: 17-18) utilizando el concepto de *serie* porque abarca a la dimensión espacial, pero también a la dimensión temporal de una ocupación cultural.

En otro aspecto, pero en el mismo sentido, se observa variabilidad de criterios en los análisis cerámicos, los cuales pueden ser notados de mejor manera cuando se contrastan el Método Cuantitativo (también llamado método Ford) aplicado por Meggers, Evans y Estrada (1965: 5) y seguido fielmente también por Porras (1983), con el Método Multivariable utilizado por Bischof (1975b: 43-44).

Una vez revisadas las obras de los autores arriba mencionados durante el capítulo anterior, nos es posible decir, a manera de resumen de su contraste metodológico, que, en primer lugar, el Método Cuantitativo toma como pilar fundamental a la decoración presente en los recipientes de una colección cerámica, provocando que las formas de tal colección se vean repetidas en la tipología resultante; lo cual genera que una misma forma de recipiente sea codificada varias veces de diferente manera.

En segundo lugar, el Método Multivariable difiere del anterior descrito en que las formas son su pilar fundamental. Es decir que se identifican los atributos, sean estos decorativos, tecnológicos o morfológicos, que están contenidos en las formas reconocidas; para posteriormente analizar su distribución en la estratigrafía del yacimiento, permitiendo que se logre una sensibilidad cronológica más fina en el análisis cerámico.

Dado que acabamos de mencionar tangencialmente al registro estratigráfico, cabe señalar que hay también diferentes métodos de excavación aplicados por los autores, con diferentes niveles de impacto en sus correlaciones e interpretaciones de los materiales recogidos en sus trabajos de campo. Por un lado, tenemos nuevamente a Meggers, Evans y Estrada, junto con Porras, quienes aplican cortes de excavación siguiendo niveles arbitrarios de 20 cm; y por otro lado tenemos las excavaciones siguiendo niveles naturales de Bischof, así como las de Prümers y Ugalde.

Particularmente el caso de Meggers, Evans y Estrada, su método de excavación afecta a sus correlaciones estratigráficas de los materiales en tanto que hay definiciones de ocupaciones con cortes no muy profundos y con recolecciones superficiales, como en G-110 (La Cabuya) y G-112, resultando en correlaciones débiles. Esto se demuestra mucho más cuando definen el período B de Machalilla a partir de solamente una recolección superficial (Meggers, Evans y Estrada, 1965: 147).

Contrastando con lo señalado, encontramos a Bischof (1975a: Figura 1) con un registro riguroso de los depósitos del contexto arqueológico que, junto al análisis multivariable, nos permite tener un reflejo de las actividades del pasado, brindándonos un aprovechamiento mayor de los materiales recogidos sin depender de la cantidad de estos en los cortes o de cateos en el territorio.

A este respecto, encontramos importante rescatar la crítica de Bischof (1975a: 18) hacia la excavación por niveles arbitrarios. El investigador sostiene que las excavaciones por niveles arbitrarios, como las realizadas por Meggers, Evans, Estrada, y Porras, provocan que la cultura material recolectada sea considerada necesariamente como hipotética, debido al hecho de que este método aumenta la mezcla de materiales al incluir en un mismo nivel arbitrario (sean de 5cm, 10cm, 20cm, o cualquier otra profundidad) a diferentes volúmenes de suelo de los depósitos naturales y culturales. En otras palabras, la realidad histórica de la cultura material, por su asociación en el contexto de los depósitos, se ha perdido, en gran medida, por un estricto uso de niveles arbitrarios de excavación, dejando de lado los depósitos.

Quizás sea posible que lo que se ha dicho en este capítulo hasta este punto tenga la apariencia de una serie de querellas a los investigadores abordados. Sin embargo, creemos que las diferencias en los métodos y perspectivas son parte del trabajo de investigación arqueológica: confrontar los enfoques para posibilitar la creación de un marco de sentido coherente acerca de las sociedades pasadas, a partir del debate de las diferentes posiciones de los investigadores. De hecho, a lo señalado es relevante manifestar nuestro reconocimiento a quienes fueron los pioneros en investigar la ocupación Machalilla, con todas sus virtudes y defectos.

No obstante, se han podido identificar aspectos que llaman poderosamente la atención en los planos analítico y metodológico que ponen en tela de duda las bases de las investigaciones, tales como abiertamente declarar esquivar a las vicisitudes que la práctica de la ciencia arqueológica plantea en su ejercicio examinador. En el marco que nos compete, es decir del período Formativo, el caso de las investigaciones subsiguientes a las de Porras en La Ponga, es alarmante. Principalmente para el sitio de Río Perdido, su investigador (Lippi, 1980: 134) parte del principio de evadir los problemas teórico-metodológicos de las

tipologías. Es justo, entonces, preguntarse ¿cómo puede llegar a crear fases temporales de esta manera? Al proceder de este modo, se puede pensar que se intenta crear una distribución temporal de los materiales, a partir de atributos que no son comparables entre sí, cosa que se repite y acentúa en su trabajo posterior en el sitio La Ponga (Lippi, 1983).

Como hemos podido observar, si bien la heterogeneidad de criterios enriquece el debate científico, intentar realizar innovaciones audaces oscurecen o, mejor dicho, traban el análisis. Tal es el caso de la formación de tipos cerámicos en el proceso de seriación de Machalilla. El tipo definido por Meggers, Evans y Estrada (1965), *Ayangue Inciso*, que cuenta hasta los días actuales con cierta vigencia, se ve nublada por la descripción de Lippi (1980: 36) del mismo tipo como “Ayangue Grabado”, realizada a partir de un agrupamiento visual de los bordes por “temas”, carente de categorías con fundamento tipológico acerca del análisis cerámico.

El problema se torna mayor cuando este tipo de agrupamiento del material por “temas” es la guía para proponer un hiato entre las ocupaciones Valdivia y Machalilla, lo cual resulta en una separación simple y abrupta de los respectivos conjuntos cerámicos (Lippi, 1980: 48). Además, se añade que el autor solamente usa frecuencia de cantidades de fragmentos dejando de lado a los depósitos de proveniencia, generando un gráfico de barras que no refleja la realidad estratigráfica del sitio Río Perdido. Lo curioso del asunto es que, pese a lo que acabamos de apuntar, se puede observar la continuidad entre ambas ocupaciones, contradiciendo la hipótesis inicial del hiato.

Para dar fin a la exposición del caso, el trabajo de excavación en el sitio La Ponga del autor mencionado también se pone en tela de duda cuando abiertamente reconoce el uso de pozos de saqueo existentes en el sitio La Ponga para establecer sus unidades de excavación (Lippi, 1983: 77-78). Para nosotros, esto explica claramente la falta de correlaciones estratigráficas en su propuesta de cronología relativa para el yacimiento, limitando su observación a la presencia o ausencia de atributos en la cerámica.

Retomando, volvamos al tema de la transición de Valdivia a Machalilla. Hemos apuntado que Lippi sostiene la existencia de un hiato entre ambas ocupaciones, contrastando con las posiciones de Meggers, Evans y Estrada (1965: 148) y Bischof, (1975a: 20; 1975b: 52-53) dado que hay formas y, en menor medida, decoraciones en el conjunto cerámico que

expresan una continuidad. Al respecto, Porras no menciona nada, pero nuestra seriación de su material nos dará luces, como veremos en los capítulos siguientes.

Antes de terminar, cabe señalar un evento que, por lo menos, resulta curioso. Meggers, Evans y Estrada (1965: 143) reportan la aparición de las botellas de asa-estribo y pico cilíndrico, durante toda la ocupación Machalilla. Sin embargo, el resto de los investigadores citados no las reportan en ninguno de los sitios, incluido el mismo Machalilla. Prümers y Ugalde (2018), así como Bischof (1975a, 1975b), no encuentran vestigios de tales botellas en ninguno de sus sitios. Igualmente, Lippi (1983: 205-206) reporta apenas 4 fragmentos pertenecientes a estas botellas, con lo que propone que el origen de tales recipientes pudo estar en los Andes del norte¹⁵ o en la Amazonía sur del Ecuador¹⁶, dado que aquí tienen más frecuencia. Veremos más adelante lo que nuestro análisis del material de Porras nos arroja al respecto.

Una vez expuesta esta especie de evaluación de las investigaciones del período Formativo, y Machalilla en específico, es posible concluir varias ideas. En primer lugar, la cultura Valdivia, de la cual fue tradicionalmente definido el subperíodo Formativo Temprano, fue investigada mucho más intensamente por los pioneros Meggers, Evans y Estrada. En estas investigaciones, muchas de las fases de ocupación de Valdivia y Machalilla fueron establecidas con recolecciones superficiales y exploraciones de coleccionistas. Sin embargo, al ser los primeros en investigar estas culturas precoloniales, nuevamente reconocemos su mérito en tanto que sus investigaciones plantean los problemas que aún nos ocupan actualmente.

Por otra parte, la disparidad de criterios en las investigaciones es acentuada en aquellas que se realizaron durante el siglo pasado. Tal es su magnitud que incluso Porras (1983: 215), pese a seguir la misma metodología de seriación que Meggers, Evans y Estrada aplicaron, no sigue la misma denominación. Así mismo, como se ha resaltado en los párrafos

¹⁵ Específicamente, en la cultura Cotocollao (1500-500 a.C.), correspondiente al período Formativo de la zona de Quito, provincia de Pichincha. Véase: Villalba, M. (1988) *Cotocollao: Una aldea formativa del Valle de Quito*. Miscelánea Antropológica Ecuatoriana, Serie Monográfica 2. Quito: Museo del Banco Central del Ecuador.

¹⁶ En efecto, las botellas de asa-estribo (*stirrup jar*) son características en el sitio Santa Ana-La Florida (Valdez, 2007, 2008, 2013a, 2013b, 2016; Valdez et al 2005), datado cerca al tercer milenio antes de cristo, en la provincia amazónica de Zamora Chinchipe, localizado cerca de la frontera con el Perú.

previos, la disparidad en criterios de definición de ocupaciones culturales y de tipología cerámica.

Finalmente, como apreciación particular, creemos que es posible ver que hay una suerte de intención de rebatir las investigaciones de Meggers, Evans y Estrada por las equivocaciones y sesgos que se han expuesto. Aparentemente, esto generó un ambiente incómodo con los investigadores que posteriormente los siguieron, creando una serie de problemas que pueden haber persistido hasta la actualidad, con, quizás, tensión acumulada.

Una vez presentada esta evaluación, en el acápite siguiente serán abordadas las fechas de datación absolutas que los investigadores de la ocupación Machalilla han obtenido en sus labores, para poder tener una mejor visión del panorama cronológico específico de Machalilla y del correspondiente lapso temporal dentro del período Formativo.

5.2. Dataciones absolutas

Además de la evaluación de las investigaciones que se ha realizado, a la luz que nos ha brindado el acápite anterior, es de suma importancia abordar las fechas absolutas que los investigadores han obtenido. De esta manera podremos tener una mejor definición de correspondencia tanto temporal como periódica de la ocupación cultural en el sitio de La Ponga y áreas circundantes relacionadas. Estas son las fechas de Meggers, Evans y Estrada (1965), Porras (1983), Lippi (1983) y Prümers y Ugalde (2018).

Sin embargo, debe señalarse que, siguiendo la problemática expuesta en los capítulos previos, también se debe hacer una selección de las fechas a utilizar en el análisis, dadas las condiciones de su recolección. Por ejemplo, y para iniciar, las dataciones que proponen Meggers, Evans y Estrada no nos serían de mucha utilidad, porque ha quedado expuesta la falta de corrección de los estratos del sitio La Cabuya, por intrusión y también por localizarse en pendiente.

Lamentablemente, las fechas que proporciona Porras también tienen que ser dejadas de lado. Esto se debe a que el autor no detalla la proveniencia de las muestras en ninguna parte de su publicación, así como el material de la muestra enviada a datación. Si se contase

con esa información, se podría confrontar las fechas de Lippi, tomadas años después de la investigación de Porras, teniendo mejor sustento.

Dentro del marco que se acaba de exponer, la Tabla 3 detalla las fechas a ser consideradas en el contraste respectivo de los sitios correspondientes. Es decir que, por un lado, tomaremos en cuenta las fechas proporcionadas por Lippi en el sitio de La Ponga y, por otro lado, las fechas calibradas del sitio Machalilla Cementerio (Ma-Cem) proporcionadas por Prümers y Ugalde, que son mucho más actuales.

Después de la calibración en OxCal de las fechas de Lippi (1983: Tabla C), se muestra una ocupación entre el año 1396 a.C. y el 806 a.C., abarcando un período de 590 años de ocupación. Esta cantidad de tiempo supera mucho el tiempo de ocupación cultural que él propone, de 400 años, comprendiendo entre 1200 y 800 a.C., que atribuía 50 años para cada una de las ocho fases definidas en su cronología relativa (Ibid., 354-355).

Las fechas calibradas de Prümers y Ugalde (2018), en contraste, muestran una ocupación entre 1385 y 940 a.C., con una duración de 445 años de ocupación en el sitio Ma-Cem, atribuible al único rasgo cultural encontrado en las excavaciones. Es decir que comprueba la observación estratigráfica de los autores, que muestra una sola ocupación de que puede llegar a sobrepasar los cuatro siglos en el sitio Ma-Cem.

Creemos que el hecho de que, después de la calibración, el lapso temporal propuesto por Lippi supere en casi la mitad de lo inicialmente propuesto (es decir, sin calibración) constituye una diferencia importante, dada la escasa evidencia de la corta ocupación Machalilla que se reportan en todos los sitios atribuidos a ella. A la luz de los hechos, las fechas de Prümers y Ugalde cuentan con mejor fundamento, apoyando los supuestos de Estrada, quien estimaba a Machalilla alrededor del primer milenio antes de nuestra era.

Además, la calibración de las fechas de Lippi, como se ha expuesto, pone en entredicho su hipótesis sobre un hiato temporal en la transición de Valdivia a Machalilla. Como se mencionó en el capítulo anterior, lo señalado se produce por el hecho de que Meggers, Evans y Estrada (1965: Figura 93), encuentran suficiente material Machalilla en fases Valdivia, lo cual es comprobado por Bischof. De este modo, y apoyándonos en lo

propuesto por Meggers y compañía, es posible preguntarnos si sus períodos Valdivia D y Machalilla C son una fase que comprende a dos componentes culturales.

Por otro lado, para finalizar, tenemos que en la transición de Machalilla a Chorrera-Engoroy es mucho más clara. Los trabajos de Bischof en el sitio Palmar, en la costa sur de la provincia del Guayas permiten identificar el declive de la primera y el consecuente inicio de la segunda, alrededor del año 1000 a.C., cuando el investigador reporta que en los contextos tempranos de Chorrera-Engoroy, ocurre la ausencia de su característica decoración iridiscente, lo cual se repite en el sitio Véliz B (Bischof, 1975a: 26).

6. Tipología del conjunto cerámico de La Ponga, excavado por Pedro Porras (1976-1977)

En virtud de lo que se ha mencionado en la introducción de esta disertación, el conjunto cerámico que fue sujeto a nuestro análisis se trata del material recolectado por las excavaciones realizadas entre los años 1976 y 1977. Este conjunto recolectado se encuentra bajo custodia del Museo Arqueológico Weilbauer de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador, en donde Pedro Porras colaboró con investigación y docencia hasta su fallecimiento en el año 1990. Lamentablemente, la documentación de las jornadas de campo de Porras es carente dada su gestión a partir del fallecimiento del nombrado investigador.

6.1. Metodología y marco conceptual de la clasificación

Por lo general, la cerámica es el material más frecuente dentro de las excavaciones arqueológicas. Así mismo, es el material que mejor refleja las actividades y la conducta de un grupo humano. El conjunto cerámico detallado en la introducción de este capítulo es lo suficientemente amplio, tanto que nos permitió realizar una selección de este, con el fin de llegar lo mayormente posible a información cualitativa. De esta manera, nuestro análisis se desarrolló exclusivamente sobre el material diagnóstico, es decir que se analizaron fragmentos que proporcionan información sobre la forma o la decoración del recipiente.

En este orden de cosas, es importante señalar que el desarrollo de tipologías y clasificaciones son medios de ordenamiento de grandes conjuntos de objetos. El orden en el que se organizan los objetos, consecuentemente, va a poner de manifiesto diferencias, semejanzas, así como luces sobre el ordenamiento mental que el grupo humano del pasado estructuró para el conjunto de objetos. Por lo tanto, a través de nuestro ordenamiento sistemático de atributos tecnológicos, morfológicos y decorativos, se persigue el propósito de organizar, ordenar, clasificar un conjunto vasto de objetos en unidades comparables.

La metodología de análisis que se ha aplicado en nuestro estudio de la cerámica del sitio La Ponga, se sostiene en dos pilares. El primero de ellos es el método analítico de atributos que nos permite considerar a cada uno de estos como una característica individual, con el fin de tener una sensibilidad mayor a los cambios durante el tiempo tanto en forma,

como en decoración o también en tecnología de la cerámica; y ver si hay alteraciones que van juntas o se desarrollan aisladamente (Jaimes, 2012; Shepard, 1956).

El segundo pilar de la metodología de análisis aplicada en nuestro trabajo es el conjunto de lineamientos para la clasificación tipológica de Renato Peroni (1998), quien define al tipo como una serie de artefactos que se distinguen por una asociación recurrente de atributos. Una clasificación, de cualquier carácter que esta sea, se destaca por una estructura jerárquica de varios niveles, cada uno de ellos más restringidos con atributos comunes, que, a su vez, hacen parte de grupos más amplios que los contienen. Es decir que la formación de tipos va a tener un carácter taxonómico que nos va a permitir identificar un nivel específico que corresponde a una realidad (Peroni, 1998: 12).

En este sentido es posible comprender que la metodología de nuestro análisis contrasta con la aquella de los estudios clásicos de Meggers, Estrada o Porras, es decir, el método cuantitativo también llamado método Ford. Como se mencionó con anterioridad, este método se enfoca en la decoración presente en todas las formas de recipientes del conjunto, provocando que estas últimas se codifiquen repetitivamente. Mientras que el análisis de atributos que utilizaremos permite, como lo sostiene Bischof (1975b: 44), tomar en cuenta a las combinaciones de atributos morfológicos y decorativos sobre un recipiente, como los elementos de mayor sensibilidad en el tiempo.

Antes de abordar la selección de atributos, creemos importante señalar que las convenciones tanto en ilustración como en montaje de las tipologías se han realizado de acuerdo con la convención que han seguido las investigaciones realizadas por el Instituto Alemán de Arqueología (DAI) y la Pontificia Universidad Católica del Ecuador (PUCE), con el propósito de generar un canon uniforme para presentar la información para el análisis global de la problemática de la cultura Machalilla y del período Formativo.

6.2. Definición de la muestra

El conjunto cerámico recolectado por Pedro Porras en sus trabajos de excavación arqueológica durante las dos sesiones entre los años 1976 y 1977, se encuentra bajo custodia

del Museo Arqueológico Weilbauer, perteneciente al Centro Cultural de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador¹⁷, en la ciudad de Quito.

Este conjunto cerámico, de acuerdo con la publicación de Porras (1983: 153) está comprendido por 11158 fragmentos, de los cuales 2713 son decorados y los restantes 8445 no decorados, sobre los que realiza su análisis cuantitativo. No obstante, considerando que han transcurrido poco menos de 40 años desde la publicación del estudio señalado, el manejo del conjunto cerámico durante este tiempo ha provocado que la cantidad reportada por Porras se haya alterado.

En concreto, la cantidad sobre la que hemos trabajado varía levemente de la reportada por Porras, siendo conformada por 11862 fragmentos en total, de los cuales 9935 son fragmentos no diagnósticos, y 1927 diagnósticos, como indica la Tabla 4. Nuestro análisis se realiza sobre esta última porción del conjunto cerámico dado que nos entrega información sobre la forma, la decoración y la tecnología de la vajilla del sitio La Ponga. La cantidad de cada clase de fragmento diagnóstico se detalla en la Tabla 5.

Sin embargo, de acuerdo con las cantidades reportadas por Porras tampoco es posible tener una idea clara de cada clase de fragmento diagnóstico, como se ha señalado. Solamente se reportan fragmentos decorados y no decorados, sin detallar bordes, asas, fragmentos de figuras, espátulas o alguna otra clase de fragmento que entregue información para realizar análisis.

6.3. Selección de atributos

La selección de los atributos para ejecutar el análisis del presente trabajo cuenta con una muy buena referencia que es la experiencia previa registrada en el proyecto de investigación de la PUCE y el DAI, en el sitio Machalilla Cementerio (Ma-Cem). A través de este antecedente investigativo fue posible definir de mejor manera los atributos sujetos a

¹⁷ Manifestamos, una vez más, nuestro agradecimiento por la apertura para realizar nuestro análisis sobre el conjunto material en mención.

análisis para la elaboración de tipología cerámica y su posterior seriación. Se evaluaron tres atributos morfológicos, cinco tecnológicos, y cuatro decorativos.

El análisis previo en Ma-Cem no cuenta con un análisis mineralógico de la arcilla, suceso que acontece igualmente en nuestro estudio, lo cual, consecuentemente, constituye un aspecto pendiente en el estudio petrográfico de la cerámica Machalilla. Además, en el caso de La Ponga, dependerá de su conservación en los repositorios patrimoniales que custodian el material. Consideramos que este estudio permitirá ir más allá a las descripciones de la pasta que se mantiene desde el estudio pionero de Meggers, Evans y Estrada.

Dado el contexto que señalamos, el análisis de la pasta se sostiene en las definiciones que Steinstra (1986), que se encarga de una observación de la forma y el tamaño de los granos para determinar si la estructura de la pasta es fina (compacta) o gruesa (laminar y granular). Es decir que se trata de un análisis básico en función de la experiencia en Ma-Cem que no hace referencia a una especificidad de uso de la pasta, o sea, se reporta inexistencia de alfares¹⁸ de producción. A su vez, la inexistencia de alfares en Machalilla nos apunta que hubo un uso indistinto de las arcillas disponibles en el medio circundante.

Durante el análisis de la cerámica, los atributos morfológicos y, en notable menor medida, los atributos decorativos se mostraron más susceptibles a las fluctuaciones en la secuencia cultural. Por tal motivo, el énfasis del análisis de La Ponga se concentró en estos atributos, con el propósito de identificar eventuales variaciones y cambios en el estilo decorativo.

Como mencionamos anteriormente, la cantidad de fragmentos diagnósticos superó los 1900 elementos, lo que, afortunadamente, permitió caracterizar morfológicamente al conjunto cerámico de La Ponga, principalmente porque los bordes son la única parte de los recipientes que permiten esta caracterización. Específicamente, del total se identificaron 1163 bordes (60,35%), 743 cuerpos decorados (38,56%), 10 fragmentos de figuras antropomorfas (0,52%), 8 espátulas (0,42%), mientras que apéndices, podos y picos de botella cuentan con un ejemplar cada uno (0,05%).

¹⁸ Se entiende como alfar a la interrelación entre arcilla, sus elementos anti plásticos o desgrasantes, y su estructura de fractura, los cuales comúnmente son influenciados por el medio ambiente, y por factores culturales de la manufactura y los estilos de la comunidad de alfareros (Sheppard 1956, en Prümers (ed.), 2015: 96).

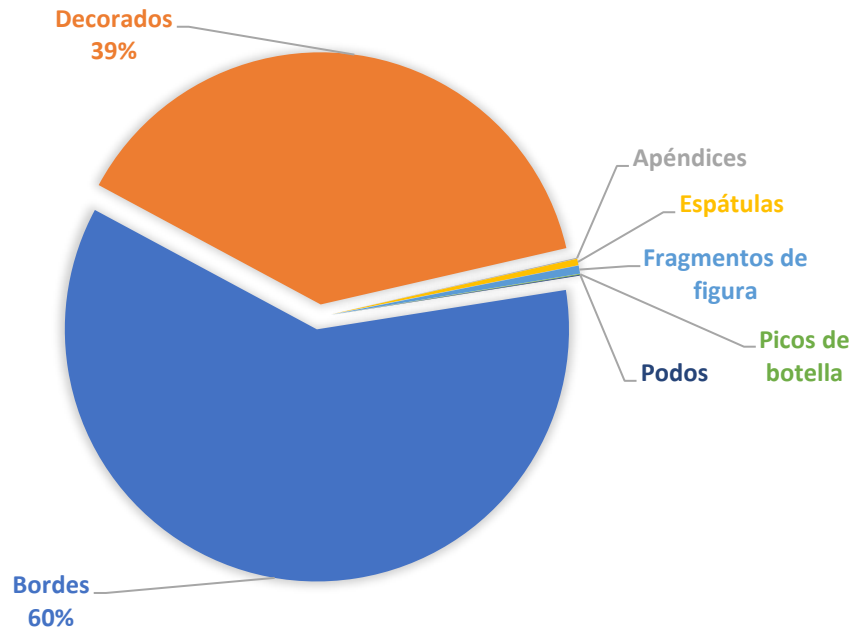


Gráfico A. Cerámica Diagnostica

Algo importante que debemos considerar es que la manufactura artesanal de la cerámica de La Ponga, y, en general, de las sociedades tempranas del pasado precolonial de la región, provoca que el conjunto cerámico no sea uniforme. Esto quiere decir que normalmente los grosores de las paredes de los recipientes y la forma de los labios varían en un mismo recipiente.

Una limitación adicional es que el conjunto cerámico se constituye totalmente de fragmentos; no existe dentro de él ninguna vasija completa o una silueta de recipiente. Tal vez en un momento futuro, con más tiempo disponible nos sea posible completar una reconstrucción de una silueta o un recipiente completo.

6.3.1. Atributos tecnológicos

6.3.1.1. Pasta

La observación de la pasta se sostuvo en dos fundamentos: primero, la referencia del estudio de la cerámica recolectada en la investigación del sitio Ma-Cem; y segundo, en la observación de la estructura de la fractura de los fragmentos. Es así que, en el primer aspecto,

se comprueba que la pasta de la cerámica de La Ponga es fina con una presencia casi generalizada de desgrasante de arena, con menor presencia del desgrasante de arena blanca que reportan Prümers y Ugalde (2018: 30).

En lo respectivo al segundo aspecto, en un principio se definieron tres tipos de estructura de pasta, compacta, laminar y granular, con dos subtipos en cada uno de ellos, arena fina y arena gruesa. Sin embargo, conforme avanzamos en la observación de los fragmentos cerámicos se pudo identificar que había pocas señales de una pasta depurada, y tampoco de una diferenciación de alguno de los seis tipos para una forma específica de recipiente. Es decir que observamos que se utilizaba la pasta disponible en el medio, con un tratamiento muy básico, por lo que decidimos consolidar solamente dos tipos de pasta, fina y gruesa, de acuerdo con la observación intuitiva del grano de esta.

La pasta fina muestra cierta uniformidad, e igualmente muestra ser compacta por tratarse de un grano muy fino y redondeado, con frecuencia del desgrasante de arena. Aquellas masas grandes de desgrasante (Ibidem) no están reportadas, pero en contraste se puede ver una variabilidad la forma del grano que se torna un poco más angular. Dado que no es depurado, hay frecuentes agujeros pequeños que pueden pertenecer a elementos orgánicos que dejaron tal huella tras su descomposición o combustión dentro de las estructuras de quema para la cocción cerámica. En las paredes finas decoradas con delgadas líneas rojas, se presenta muy compacta.

La pasta gruesa, por otra parte, muestra casi siempre una estructura granular debido al grosor mayor de los granos de la pasta, con una forma angular y sub angular; lo cual la acerca a un tipo de fractura deleznable. Se presentan más frecuentemente las inclusiones gruesas, acentuando su falta de uniformidad. Sin embargo, el desgrasante es igualmente de arena fina, con un incremento leve, aunque notable, de arena gruesa. Los agujeros de material orgánico también están presentes, acentuando el carácter deleznable y dificultando la uniformidad del tratamiento superficial. Este último atributo será abordado a continuación.

6.3.1.2. *Tratamiento de superficie*

Durante el registro de los tratamientos de superficie se lograron registrar dos tipos muy recurrentes: alisado y pulido. No se registraron escobados y apenas un caso de bruñido¹⁹ fue identificado, localizado en la pared exterior del fragmento (Figura 7). Es importante resaltar que fue posible identificar pulidores de cerámica reutilizada, los cuales definimos como espátulas, que mostraban huellas de alto desgaste en sus filos, provocando que estos se vean redondeados, lo cual es un efecto que se logró por el uso en el pulimento o alisado de los recipientes (Figura 8).

El tratamiento de superficie más común en el conjunto cerámico es el pulido, realizándose en 846 superficies externas y 669 superficies internas. Un caso muy similar podemos encontrar en el alisado, que se presenta en 559 superficies externas y 780 superficies internas. Es posible notar que el pulido es preponderante en el exterior de las paredes mientras que el alisado lo es en el interior. Esto se debe, como es lógico, a que los recipientes son mayoritariamente profundos, sean abiertos (cuencos profundos y tazones) o cerrados (ollas), lo que hace que el interior obtenga un tratamiento menos intenso que el exterior, que es la superficie en la que se concentra la decoración. A lo señalado se añade que las superficies toscas son preponderantes en paredes interiores (160). Sin embargo, la diferencia entre las superficies internas y externas no es muy marcada gracias a los platos y cuencos, que presentan superficies interiores pulidas.

¹⁹ Cabe aquí señalar que el *Bruñido* como tratamiento de superficie se lo concibe en tanto este cubre a toda la superficie del recipiente, y como un grado más acentuado del pulimento de las paredes. Veremos más adelante que *Bruñido* también se encuentra como técnica decorativa, y fue conceptualizada así en tanto que este pulimento acentuado tiene un diseño geométrico o zonal en las superficies de las paredes de los recipientes.

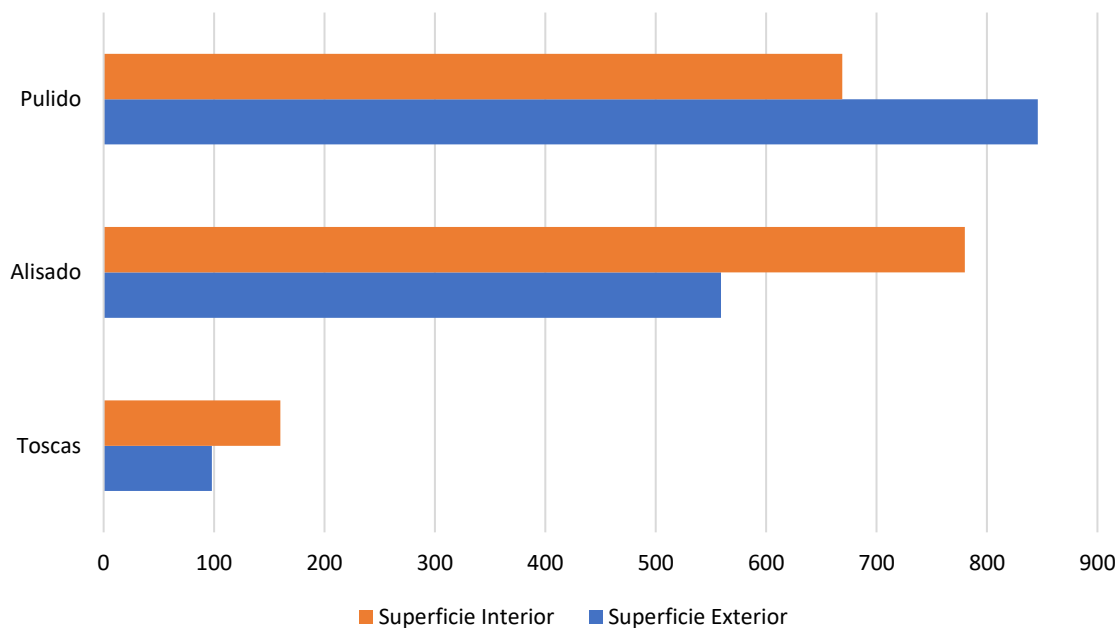


Gráfico B. Tratamiento de superficie de la cerámica

En el caso de los engobes, la tendencia fuertemente marcada está en el engobe rojo con 170 superficies exteriores y 209 superficies interiores. Contrasta mucho con el resto de los colores de engobe: marrón (35 al exterior y 13 al interior), negro (18 al exterior y 5 al interior), crema y blanco (cada uno solamente con un caso en paredes exteriores). Gracias a las superficies con engobe se facilitó la identificación de las superficies con erosión, debido al pisoteo, lavado del suelo y conservación del material en el repositorio patrimonial; 198 superficies externas y 91 internas presentaban erosión.

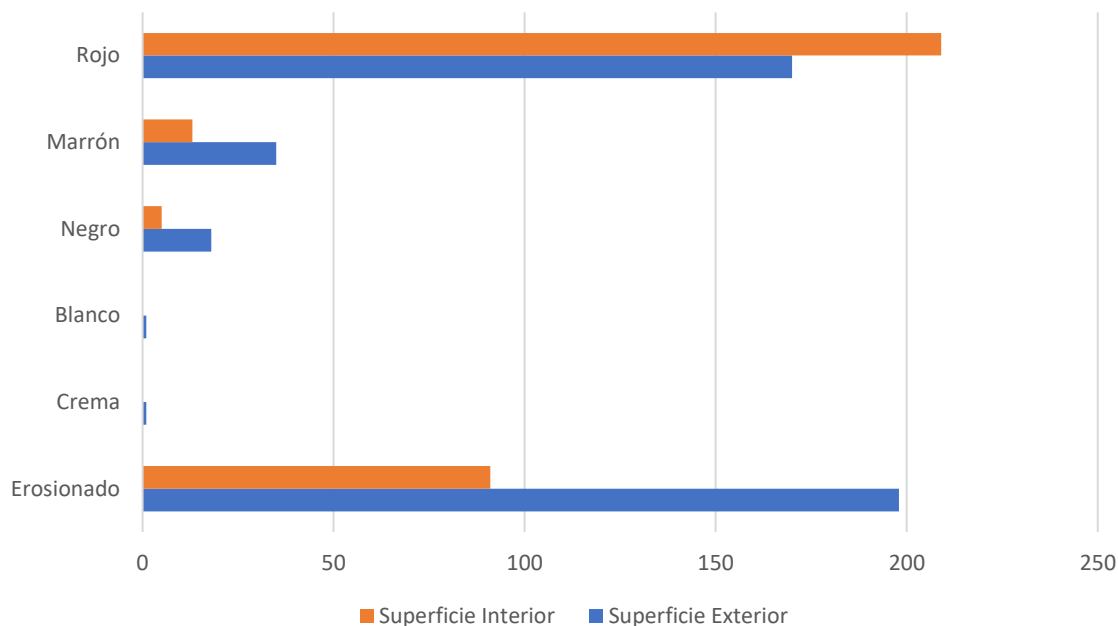


Gráfico C. Engobes en superficie de la cerámica

6.3.1.3. *Color exterior*

El atributo en este momento abordado comprende el tono de la superficie externa de los fragmentos, sin la aplicación de decoración. Es decir que se registró en las zonas sin decoración, siempre que fue posible, ya que hubo muchos casos que la decoración o el engobe cubrió toda la superficie del fragmento. Se trató de registrar el color exterior de la manera más simple, buscando que la información sea digerible. Siguiendo este propósito, se evitó definir los tonos de la superficie de los fragmentos cerámicos de acuerdo con la paleta de colores Munsell (Munsell Soil Color Chart, en inglés), y optamos por definirlos en función a la experiencia sensorial (Steinstra, 1986: 38).

Los tonos registrados fueron castaño claro²⁰, naranja, marrón, rojo, negro y blanco. Por otro lado, se identificaron, y consecuentemente registraron dos tonos de superficie que juegan con la irregularidad de la cocción, provocado muy posiblemente por la falta de control de las estructuras de quema. El primer tono provocado es uno de carácter irregular, dado que

²⁰ Comúnmente denominado en el vocabulario ecuatoriano como “habano/a”, término que se usó para ingresar el color en los formularios de registro de atributos y diferenciarlo más fácilmente. En las publicaciones de mediados del siglo XX, se puede encontrar el término “leonado” para referirse a este color en la cerámica de sociedades precoloniales.

se produce por la anteriormente señalada falta de control de las estructuras de quema, resultando en una superficie con Manchas de Quema. La superficie con Manchas de Quema es justamente la más popular en el conjunto cerámico, presente en 550 superficies externas de fragmentos (28,5%). Se nota una brecha con el color que sigue, naranja, que está presente en 395 fragmentos (20,5%), y el castaño claro en 332 fragmentos (17,2%). Se continúa con el color marrón, presente en 256 fragmentos (13,3%), 183 fragmentos con color negro (9,5%), 153 fragmentos con color rojo (7,9%), 7 fragmentos de color blanco (0,4 %), y finalmente solo 17 fragmentos con superficie mixta (0,9%), que son superficies con desigualdades entre naranja, castaño y rojo, causadas también por la falta de control en la estructuras de quema. Por último, no se pudieron apreciar 34 fragmentos (1,8%) por ser cubiertos enteramente por la decoración o por una erosión fuerte sobre la superficie.

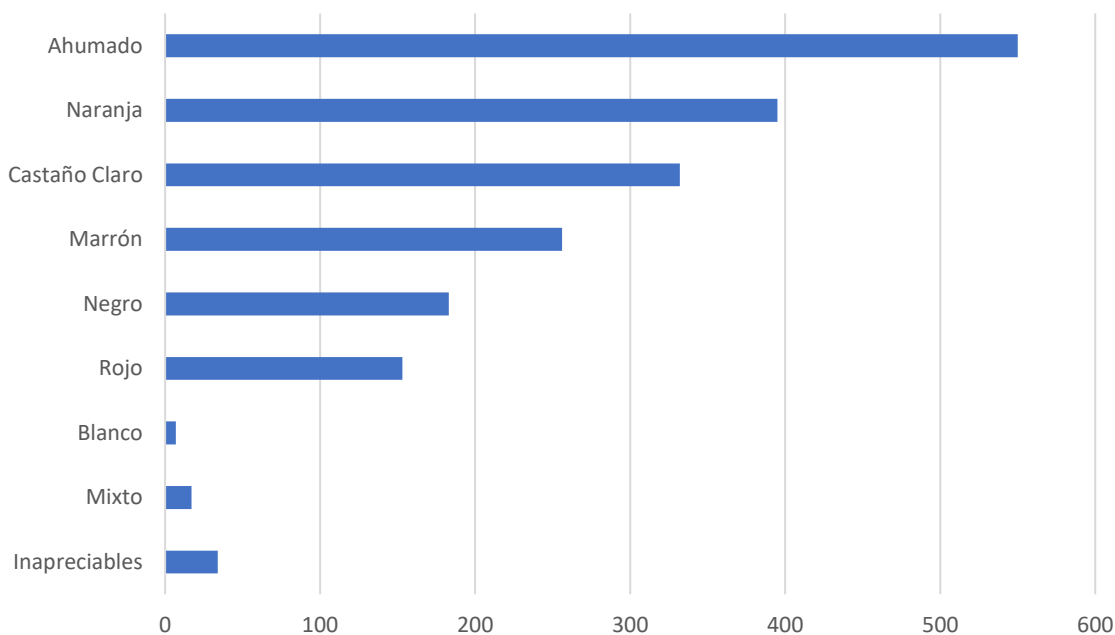


Gráfico D. Color exterior de las paredes de la cerámica

6.3.1.4. Cocción

Se registraron tres tipos de cocciones de la cerámica de La Ponga. La cocción más recurrente es la mixta o desigual con 46,2% del conjunto analizado (correspondiente a 890 fragmentos) cocido de esta manera. Se continúa con una cocción oxidante de la pasta con 36,7% del total (correspondiente a 708 fragmentos), y finalmente con la cocción reductora con un 17,1% (correspondiente a 329 fragmentos). Es notable que cerca de la mitad del

conjunto cerámico es desigualmente cocido, marcando el hecho de que no hubo un control de las estructuras de quema o, aún más plausible, es que estas se trataban de estructuras a fuego abierto, como es muy recurrente en otros casos del Ecuador precolonial (Montalvo, 2016; Dyrdaahl, Montalvo y Valverde, 2017; Lara, 2017), lo cual también explica la recurrencia de una cocción oxidante.

Contrastando notablemente, como podemos observar, se encuentra una pequeña parte del conjunto cerámico con cocción reductora. Esta manera de cocer la pasta se produce cuando en la estructura de quema usada existe poca oxigenación al momento de la quema, por lo que se libera un mayor volumen de monóxido de carbono, provocando las coloraciones oscuras y grises posterior a la cocción de la pasta. La pequeña porción observada no muestra una asociación directa con estratos o, menos aún, con formas de los recipientes. Este suceso refuerza el hecho de que, así como sucede con la pasta, se creaban los diferentes tipos de recipientes en estructuras de quema abiertas principalmente, pero también en estructuras cerradas en menor medida (Shepard, 1956).

6.3.2. Atributos morfológicos

Tal como se mencionó en líneas anteriores, el esquema de organización de la forma y tamaño de los recipientes, así como las formas de los bordes, de los labios y de los cuerpos carenados, siguió unas definiciones que viene desde las investigaciones realizadas en 2017 y 2018 por Prümers (DAI) y Ugalde (PUCE), con el fin de dar uniformidad a la información levantada y poder tener unidades comparables en el análisis.

En principio, el establecimiento de las clases formales en función a la relación entre altura y diámetro de boca de los recipientes tuvo la intención de seguir los parámetros marcados por Balfet, Fauvet y Monzón (1992). Sin embargo, teniendo la referencia señalada en el párrafo anterior con las contribuciones de Prümers y Montalvo con respecto a la cerámica (en Prümers y Ugalde, 2018), decidimos seguir su referencia. Cabe señalar que esta decisión no entra en contradicción con las autoras citadas en primer lugar, ya que ellas mencionan (Balfet, Fauvet y Monzón, 1992: 6-7) que las dimensiones que proponen no son

imperativas, por lo que cada investigadora o investigador puede establecer los límites que más adecuados parezcan para su material de análisis.

Es así que, en primer lugar, se definieron dos grandes familias: recipientes con formas abiertas y recipientes con formas cerradas (Balfet, Fauvet y Monzón, 1992; Shepard, 1956). En formas abiertas tenemos las categorías de platos, cuencos, cuencos profundos, y tazones. Mientras que en formas cerradas tenemos las categorías de ollas sin cuello, ollas con cuello, y ollas con cuello o emboque restringido. Además de estas, se diferenciaron otras categorías, a saber: fragmentos de figura, espátulas, pico de botella, podo y apéndice.

Como fue explicado en el inicio de este capítulo, la tipología tiene un carácter taxonómico, por lo que las dos clases formales, recipientes abiertos y recipientes cerrados, son las más amplias. Dentro de cada una de estas clases, se definieron los perfiles de los recipientes, es decir que se generaron dos subcategorías: perfiles continuos y perfiles articulados. A su vez, para la formación de los tipos, dentro de cada una de las subcategorías se prestó atención a la estructura del recipiente (abierto, vertical o cerrado), la dimensión de los cuerpos superiores e inferiores (dentro de los recipientes articulados), forma del borde, y forma del labio. Estas dos últimas características son importantes porque, por lo general, suelen constituirse como marcadores para la elaboración de secuencias cerámicas (Shepard, 1956: 246). Finalmente, cabe apuntar que, por el carácter fragmentario del conjunto cerámico, las medidas se estimaron por la proyección posible del comportamiento de las paredes de los recipientes. Para un esquema de los tipos morfológicos formados, véase la Figura 9.

6.3.2.1. Formas abiertas

6.3.2.1.1. Platos (A)

Los platos son recipientes abiertos con paredes fuertemente divergentes, cuya profundidad no supera a la tercera parte del diámetro de la boca. Esta medida, como la del resto de recipientes, se la estimó por proyección del posible comportamiento de las paredes. Se constataron cuerpos con perfiles continuos y articulados, los cuales, a su vez, pueden presentar estructuras abiertas, verticales, y cerradas.

Platos de perfil continuo

Tipos de platos caracterizados por presentar una forma simple, continua y sin articulaciones en la silueta de la forma del recipiente.

A1. Plato con cuerpo rectilíneo, estructura abierta, borde directo, y labio biselado exterior.

A2. Plato con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo, y labio ojival.

A3. Plato con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo, y labio redondeado.

A4. Plato con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo, y labio biselado interior

a. Variedad con dimensiones mayores a las del tipo principal.

A5-U. Plato con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo, y labio diferenciado.

A6-U. Plato con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde evertido, y labio ojival.

A7-U. Plato con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde evertido, y labio recto o plano.

Platos de perfil articulado rectilíneo

Tipos de platos caracterizados por presentar una diferenciación entre las partes superior e inferior del cuerpo, las cuales son notables en la silueta del recipiente. La diferenciación entre las partes del cuerpo es abrupta, presentándose como una carena angular. En este perfil se incluyeron cordones aplicados o articulaciones internas.

A8. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura abierta, borde directo, y labio diferenciado redondeado.

A9-U. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura abierta, borde directo, y labio diferenciado biselado exterior (plano exterior).

A10-U. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura abierta, borde directo, y labio redondeado.

A11. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical, borde directo, y labio ojival.

A12. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical, borde directo, y labio biselado interior.

A13-U. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura abierta, borde directo, y labio redondeado.

A14-U. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura abierta, borde directo, y labio diferenciado redondeado.

A15. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura abierta, borde directo, y labio diferenciado biselado interior.

A16-U. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde plano, y labio ojival.

A17-U. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada, borde directo, y labio recto o plano.

A18. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada, borde directo, y labio diferenciado redondeado.

A19. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde directo, y labio diferenciado redondeado.

A20. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde directo, y labio diferenciado recto o plano.

A21. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde directo, y labio biselado exterior.

A22. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde evertido, y labio ojival.

A23. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, carena reforzada o de cordón, borde directo, y labio redondeado.

A24-U. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, carena reforzada o de cordón, borde directo, y labio biselado interior.

A25. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto engrosado, estructura cerrada, borde directo, y labio ojival.

A26. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto engrosado, estructura cerrada, borde directo, y labio redondeado.

A27. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto engrosado, estructura cerrada, borde directo, y labio biselado interior.

A28. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto engrosado, estructura cerrada, borde directo, y labio diferenciado ojival.

A29-U. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto engrosado, estructura cerrada, borde directo, y labio diferenciado redondeado.

Platos de perfil articulado curvilíneo

Tipos de platos caracterizados por presentar una diferenciación entre las partes superior e inferior del cuerpo, las cuales son notables en la silueta del recipiente. No obstante, la diferenciación entre las partes del cuerpo no es angular o abrupta, presentándose como una carena redondeada.

A30. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior muy corto, estructura abierta, borde directo, y labio redondeado.

A31. Plato con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior muy corto, estructura vertical, borde directo, y labio redondeado.

A32-U. Plato con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto, carena corta redondeada, estructura vertical, borde directo, y labio plano.

6.3.2.1.2. Cuencos (B)

Los cuencos son recipientes abiertos que presentan una profundidad que supera el tercio del diámetro de la boca, mas no la mitad de esta dimensión. Esta medida fue estimada a partir de la proyección posible del comportamiento de las paredes, como se mencionó anteriormente. Presentan perfiles continuos y articulados también (con carena redondeada y carena angular), con estructuras abiertas, verticales y cerradas.

Cuencos de perfil continuo

Tipos de cuencos que se caracterizan por presentar una forma simple con una silueta continua, sin articulaciones notables.

B1. Cuenco con cuerpo rectilíneo, estructura abierta, borde directo y labio redondeado.

B2. Cuenco con cuerpo rectilíneo, estructura abierta, borde directo y labio diferenciado ojival.

a. Variedad con doble acanalado en el labio.

B3. Cuenco con cuerpo rectilíneo, estructura vertical, borde directo y labio redondeado reforzado.

B4. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo y labio ojival.

B5. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo y labio redondeado.

B6-U. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo y labio biselado exterior.

B7. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura abierta, borde directo y labio recto o plano.

a. Variedad con labio engrosado al interior

B8. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio redondeado.

B9-U. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio biselado interior.

B10. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio biselado exterior.

B11. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio diferenciado redondeado.

a. Variedad con engrosamiento al interior

B12. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio diferenciado biselado interior.

B13. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde evertido y labio redondeado.

a. Variedad con paredes y borde adelgazados

B14. Cuenco con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde evertido y labio diferenciado horizontal.

Cuencos de perfil articulado rectilíneo

Tipos de cuencos caracterizados por presentar una diferenciación entre las partes superior e inferior del cuerpo, las cuales son notables en la silueta del recipiente. La diferenciación entre las partes del cuerpo es abrupta, presentándose como una carena angular.

B15-U. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical, borde directo y labio ojival.

B16-U. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical, borde directo y labio biselado exterior.

B17. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical, borde directo y labio diferenciado redondeado.

B18. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada, borde directo y labio diferenciado recto o plano.

B19. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada, borde directo y labio diferenciado biselado exterior.

B20-U. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior muy corto, estructura vertical, borde directo y labio ojival.

B21. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior muy corto, estructura vertical, borde directo y labio redondeado.

B22. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical, borde directo y labio ojival.

B23. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio ojival.

B24. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio redondeado.

B25. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada, borde directo y labio recto o plano.

a. Variedad que presenta cordón bajo el labio al exterior.

B26. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada, borde evertido y labio redondeado.

a. Variedad con acanaladura en el labio.

B27. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada carenada, borde diferenciado sin ángulo interno y labio redondeado.

B28. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde evertido con ángulo interno y labio ojival.

B29. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde evertido sin ángulo interno y labio ojival.

B30. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical carenada, borde evertido con ángulo interno y labio diferenciado recto o plano.

B31. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio ojival.

B32. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio redondeado.

B33. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio biselado interior.

B34. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio recto o plano.

B35-U. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio diferenciado ojival.

B36. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio diferenciado redondeado.

B37. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio diferenciado biselado interior.

B38. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio diferenciado recto o plano.

B39. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio diferenciado biselado exterior.

B40. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada con carena horizontal, borde directo y labio redondeado.

B41. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto engrosado, estructura cerrada carenada, borde directo y labio ojival.

B42. Cuenco con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior muy corto engrosado, estructura cerrada carenada, borde directo y labio biselado interior.

Cuencos de perfil articulado curvilíneo

Tipos de cuencos caracterizados por presentar una diferenciación entre las partes superior e inferior del cuerpo, las cuales son notables en la silueta del recipiente. No obstante,

la diferenciación entre las partes del cuerpo no es angular o abrupta, presentándose como una carena redondeada.

B43-U. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde directo y labio redondeado.

B44. Cuenco con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical, borde directo y labio biselado exterior.

6.3.2.1.3. *Cuencos profundos (C)*

Este tipo de recipientes presentan una profundidad mayor a la mitad del diámetro de la boca, pero menor a los dos tercios de este. Esta medida fue estimada a partir de la proyección posible del comportamiento de las paredes. Se presentan perfiles continuos y articulados (con carenas redondeada o angular), dentro de estructuras abiertas, verticales y cerradas.

Cuencos profundos de perfil continuo

Tipos de cuencos profundos que se caracterizan por presentar una forma simple con una silueta continua, sin articulaciones notables.

C1. Cuenco profundo con cuerpo rectilíneo, estructura abierta, borde directo y labio ojival.

C2. Cuenco profundo con cuerpo rectilíneo, estructura abierta, borde directo y labio redondeado.

C3. Cuenco profundo con cuerpo rectilíneo, estructura abierta, borde directo y labio recto o plano.

a. Variedad de cuenco profundo con diámetro de boca reducido y posible base plana.

C4. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio ojival.

C5. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio redondeado.

C6. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio biselado exterior.

C7. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura vertical, borde directo y labio diferenciado.

C8. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura cerrada, borde directo y labio ojival.

C9. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura cerrada, borde directo y labio redondeado.

C10. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura cerrada, borde directo y labio biselado interior.

C11. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura cerrada, borde directo y labio recto o plano.

C12-U. Cuenco profundo con cuerpo curvilíneo, estructura cerrada, borde directo y labio diferenciado recto o plano.

Cuencos profundos de perfil articulado rectilíneo

Tipos de cuencos profundos caracterizados por presentar una diferenciación entre las partes superior e inferior del cuerpo, las cuales son notables en la silueta del recipiente. La diferenciación entre las partes del cuerpo es abrupta, presentándose como una carena angular.

C13. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada, borde diferenciado y labio redondeado.

C14. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada, borde diferenciado y labio recto o plano.

C15-U. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada, borde diferenciado horizontal y labio redondeado adelgazado.

C16. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada, borde directo y labio ojival.

C17. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada con carena reforzada, borde directo y labio ojival.

C18. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada, borde directo y labio redondeado.

C19. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada, borde directo y labio biselado interior.

C20-U. Cuenco profundo con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto engrosado, estructura cerrada, borde directo y labio recto o plano.

Cuencos profundos de perfil articulado curvilíneo

Tipos de cuencos profundos caracterizados por presentar una diferenciación entre las partes superior e inferior del cuerpo, las cuales son notables en la silueta del recipiente. Sin embargo, la diferenciación entre las partes del cuerpo no es angular o abrupta, presentándose como una carena redondeada.

C21. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, borde directo y labio ojival.

C22. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, borde directo y labio redondeado.

C23. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, borde directo y labio biselado interior.

C24. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, borde directo y labio recto o plano.

C25. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto inclinado, estructura vertical, borde diferenciado y labio redondeado.

C26. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto inclinado, estructura vertical, borde diferenciado y labio biselado interior.

C27-U. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto inclinado, estructura vertical con arena reforzada, borde diferenciado y labio biselado interior.

C28. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto inclinado, estructura vertical, borde diferenciado y labio biselado exterior.

C29. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto inclinado, estructura vertical, borde diferenciado y labio biselado exterior engrosado.

C30-U. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto inclinado, estructura vertical, borde diferenciado y labio biselado compuesto (interior y exterior).

C31. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto inclinado, estructura cerrada con carena reforzada, borde directo y labio redondeado.

a. Variedad de cuenco profundo con cordón bajo labio al exterior

C32. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto horizontal, estructura vertical, borde diferenciado y labio redondeado.

C33. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto horizontal, estructura vertical, borde diferenciado y labio recto o plano.

C34. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto horizontal, estructura vertical, borde diferenciado y labio biselado interior.

C35. Cuenco profundo con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior corto horizontal, estructura vertical, borde diferenciado y labio biselado exterior engrosado.

Cuencos profundos de perfil articulado y cuerpo inferior ambiguo

Tipos de cuencos profundos caracterizados por presentar una diferenciación entre las partes superior e inferior del cuerpo, las cuales son notables en la silueta del recipiente. El cuerpo inferior es difícil de proyectar por lo que su forma es ambigua.

C36. Cuenco profundo con cuerpo inferior ambiguo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, borde directo y labio redondeado.

C37. Cuenco profundo con cuerpo inferior ambiguo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, borde directo y labio redondeado reforzado.

C38. Cuenco profundo con cuerpo inferior ambiguo, cuerpo superior corto sinuoso, estructura cerrada carenada, borde directo y labio redondeado.

C39. Cuenco profundo con cuerpo inferior ambiguo, cuerpo superior corto, estructura cerrada, borde diferenciado y labio biselado exterior.

C40. Cuenco profundo con cuerpo inferior ambiguo, cuerpo superior corto, estructura cerrada con carena reforzada, borde diferenciado y labio redondeado.

6.3.2.1.4. *Tazones (D)*

Este tipo de recipientes son peculiares. Presentan una profundidad similar a la de los cuencos profundos; mayor a la mitad del diámetro de la boca, pero menor a los dos tercios de este. Esta medida fue estimada a partir de la proyección posible del comportamiento de las paredes. Particularmente, solamente presentan perfiles articulados con una carena que se levanta a manera de reborde o gradiente. Además, estos tipos de recipientes presentan estructuras abiertas, verticales y cerradas.

D1. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura abierta con carena en gradiente, borde directo y labio ojival.

D2. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura abierta con carena en gradiente, borde directo y labio redondeado.

D3-U. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura abierta, borde directo y labio recto o plano.

D4. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura abierta con carena en gradiente, borde directo y labio biselado exterior.

D5. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical con carena en gradiente, borde directo y labio redondeado.

D6. Tazón con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical carenada, borde directo y labio diferenciado redondeado.

D7-U. Tazón con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical carenada, borde directo y labio diferenciado biselado exterior.

D8-U. Tazón con cuerpo inferior curvilíneo, cuerpo superior alto, estructura vertical carenada, borde directo y labio diferenciado exterior vertical.

D9. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio ojival.

D10. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio recto o plano.

D11-U. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior alto, estructura cerrada carenada, borde directo y labio biselado exterior.

D12-U. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical con carena en gradiente, borde directo y labio ojival.

D13-U. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical con carena en gradiente, borde directo y labio redondeado.

D14-U. Tazón con cuerpo inferior rectilíneo, cuerpo superior corto, estructura vertical con carena en gradiente, borde directo y labio biselado interior.

6.3.2.2. Formas cerradas

6.3.2.2.1. Ollas sin cuello diferenciado (E)

Dentro de los recipientes cerrado o restringidos, comenzamos con las ollas sin cuello. Este tipo de recipientes se caracterizan por presentar una profundidad igual o mayor a la medida del diámetro de cuerpo La medida mencionada fue estimada de acuerdo con la proyección posible del comportamiento de las paredes.

Ollas globulares

Tipo de ollas caracterizados por una forma de cuerpo esférica o globular.

- E1. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, borde evertido y labio ojival.
- E2. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, borde evertido y labio ojival corto engrosado.
- E3. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, borde evertido y labio biselado exterior.
- E4. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, borde evertido y labio redondeado.
- E5. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, diámetro máximo del recipiente en boca, borde evertido con ángulo interno y labio redondeado.
 - a. Variedad de olla sin cuello diferenciado con dimensiones pequeñas.
- E6. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, diámetro máximo del recipiente en boca, borde evertido con ángulo interno y labio redondeado corto engrosado.
- E7. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, borde horizontal y labio ojival.
- E8. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, borde horizontal y labio redondeado.
- E9. Olla sin cuello diferenciado, cuerpo globular, borde horizontal y labio recto o plano al exterior.

Ollas ovoidales

Tipo de ollas caracterizados por una forma de cuerpo ovoidal u ovoide-globular.

- E10. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde directo y labio recto.
- E11-U. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde directo y labio biselado interior.
- E12. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal carenado, borde directo y labio redondeado.

E13-U. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal carenado, borde directo y labio recto o plano.

E14. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde diferenciado vertical corto y labio redondeado.

E15. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde diferenciado vertical corto y labio recto o plano.

- a. Variedad de olla sin cuello diferenciado con cordón bajo el labio al exterior.

E16. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde evertido y labio ojival.

E17. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde evertido y labio ojival corto engrosado.

E18. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde diferenciado evertido y labio redondeado.

E19. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde diferenciado evertido y labio biselado exterior.

- a. Variedad de olla sin cuello diferenciado con labio biselado exterior vertical.

E20. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde diferenciado horizontal y labio ojival.

E21. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde diferenciado horizontal y labio redondeado.

E22. Ollas sin cuello diferenciado, cuerpo ovoidal, borde diferenciado horizontal y labio biselado exterior.

6.3.2.2.2. *Ollas con cuello diferenciado (F)*

Tipos de recipientes que se caracterizan por presentar una profundidad igual o mayor a la medida del diámetro de cuerpo, y por contar con un emboque diferenciado distinto del cuerpo. La medida mencionada fue estimada de acuerdo con la proyección posible del

comportamiento de las paredes. Las formas del cuerpo son muy difíciles de determinar por causa de la fragmentación del material, por lo que es posible que se traten tanto de cuerpos de forma globular como también de forma ovoidal sin una estricta diferenciación.

F1. Olla con cuello cilíndrico curvilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde directo y labio ojival.

F2. Olla con cuello cilíndrico curvilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde diferenciado evertido sin ángulo interno y labio redondeado.

a. Variedad con dimensiones mayores a la tendencia del tipo.

F3. Olla con cuello cilíndrico curvilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde diferenciado evertido sin ángulo interno y labio recto.

F4. Olla con cuello cilíndrico curvilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde diferenciado evertido sin ángulo interno y labio biselado exterior.

F5. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio ojival.

F6. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio redondeado.

F7. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado horizontal y labio ojival.

F8. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado horizontal y labio biselado interior.

F9-U. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado horizontal y labio recto o plano.

F10-U. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado horizontal y labio biselado exterior.

F11-U. Olla con cuello cilíndrico rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado evertido y labio redondeado.

F12. Olla con cuello cilíndrico rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado evertido y labio recto o plano al exterior.

F13. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde diferenciado horizontal y labio redondeado.

F14. Olla con cuello troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde diferenciado horizontal y labio recto o plano al exterior.

F15. Olla con cuello troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio ojival.

F16. Olla con cuello troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio redondeado.

F17. Olla con cuello troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio biselado exterior.

F18. Olla con cuello troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado evertido y labio redondeado.

F19. Olla con cuello troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado evertido y labio diferenciado redondeado.

F20. Olla con cuello troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado pendiente y labio triangular (ojival).

F21. Olla con cuello troncocónico rectilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde directo y labio ojival.

F22-U. Olla con cuello troncocónico rectilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde directo y labio redondeado.

F23. Olla con cuello troncocónico rectilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde directo y labio biselado interno.

F24. Olla con cuello troncocónico rectilíneo, presumible cuerpo ovoidal, borde evertido y labio redondeado.

F25. Olla con cuello troncocónico curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde evertido y labio redondeado.

6.3.2.2.3. *Ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G)*

Tipos de recipientes que se caracterizan por presentar una profundidad igual o mayor a la medida del diámetro de cuerpo, y por contar con un emboque diferenciado restringido distinto del cuerpo. La medida mencionada fue estimada de acuerdo con la proyección posible del comportamiento de las paredes.

G1. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido cilíndrico rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado evertido y labio redondeado.

G2-U. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido cilíndrico rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado evertido y labio redondeado engrosado.

G3. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido rectilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio redondeado.

G4. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio ojival.

G5. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio redondeado.

G6. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde directo y labio biselado exterior.

G7. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado evertido y labio recto o plano vertical.

G8. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado horizontal y labio ojival.

G9-U. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado horizontal y labio redondeado engrosado con canales en parte superior.

G10-U. Olla con cuello diferenciado y emboque restringido troncocónico invertido curvilíneo, presumible cuerpo globular, borde diferenciado horizontal y labio recto o plano.

6.3.2.3. Otros

Dentro del conjunto cerámico del sitio La Ponga fue posible registrar otro tipo de artefactos cerámicos diferentes de los recipientes. Se pudieron identificar 10 fragmentos de figuras antropomorfas, las cuales son sólidas, tres de ellas con líneas de pintura positiva roja y solamente una con decoración de incisiones. Los fragmentos se pudieron identificar como torsos, piernas y parte de la cabeza de figuras antropomorfas, muy similares a los encontrados por Meggers, Evans y Estrada (1965).

Unos artefactos interesantes son los definidos como espátulas, los cuales se tratan de fragmentos de cerámica que fueron reutilizados para dar tratamiento de superficie a los recipientes. Esta función se aprecia en los bordes de estos fragmentos, que se encuentran tan redondeados y desgastados que dan la impresión de haber pasado por un esmeril. Además, no pueden ser tomados como bordes de recipientes ya que no son posibles de orientar. Se tratan de ocho espátulas que no presentan decoración en ninguna de sus superficies.

Por otro lado, también se encuentra un apéndice, un podo o soporte de recipiente, y un pico de botella. El apéndice es una protuberancia que suele estar presente en los hombros o cuerpos superiores de recipientes, que no son comunes en la cerámica Machalilla, por lo que puede tratarse de uno de los escasos fragmentos posteriores a la mencionada ocupación. El podo o soporte de recipiente se trata de un fragmento cilíndrico, hueco con un orificio en su extremo, sin rastros del recipiente del que fue parte. Mientras que el pico de botella se muestra en su forma cilíndrica, fragmentada, que cuenta con una parte del asa en banda. Este tipo de picos de botella con asa son característicos de Chorrera temprano, inmediatamente posteriores a Machalilla (Zeller, s/f).

Finalmente, existen también escasísimos fragmentos correspondientes a Valdivia, previo a Machalilla, así como Chorrera-Engoroy y Guangala, posteriores a Machalilla. En cuanto a Valdivia, se encuentran nueve fragmentos de recipientes abiertos y cerrados, que

son señalados por Hill (1972) en su re abordaje de la cerámica de esta ocupación temprana. Por otro lado, existen apenas dos fragmentos asociados a la decoración iridiscente, la cual es diagnóstica de la ocupación Chorrera-Engoroy, pero que no presentan datos de procedencia. También, para terminar, tenemos dos fragmentos, sin procedencia de excavación, con claras asociaciones formales a la ocupación Guangala (100 a.C. – 800 d.C.), ya en el período de Desarrollo Regional comprendido entre los años 400 a.C. y 500 d.C. aproximadamente (Montalvo, 2016: TAV.I.1) (ver Láminas 80 y 81).

6.3.3. Atributos decorativos

El conjunto cerámico de La Ponga, por lo general, se encuentra decorado. Del total de 1927 superficies externas, solo 831 no se encuentran decorados. En la misma dimensión, contrastando, del total de superficies internas, 1494 no presentan decoración; y las coincidencias entre superficie interna y externa sin decoración son 555, lo cual corresponde a un 28,8% del total del conjunto cerámico analizado.

Pasando a enfocarnos netamente a las superficies decoradas, la cerámica de La Ponga presenta una decoración intensiva en cuanto a las técnicas de pintura e incisión, pero tampoco deja de lado otro tipo de técnicas tales como apliques, impresiones digitales, excisiones, entre otras. Es muy recurrente que la pintura positiva y la incisión se combinen formando una amplia variedad de motivos que genera dificultades al intentar definirlos. Sin embargo, es posible decir que tales combinaciones son una manifestación de innovación, a pesar del corto tiempo de ocupación cultural Machalilla en la costa centro-sur del Ecuador.

A diferencia de los atributos tecnológicos, que responden a la accesibilidad de los recursos naturales tales como arcillas, elementos desgrasantes o anti plásticos, los atributos decorativos y morfológicos son una manifestación netamente cultural, por el hecho de que expresan la habilidad, creatividad y preferencias del artesano de la cerámica (Jaimes, 2012: 72). Para el caso particular de nuestro análisis se tomaron en cuenta los aspectos de técnica decorativa y motivo decorativo.

6.3.3.1. Técnicas decorativas

En cuanto a las superficies que presentan decoración, en ellas es más frecuente la presencia de pintura positiva, generalmente de color rojo, pero con muy raras ocurrencias de pinturas marrón o negra (4 y 5 fragmentos, respectivamente). Sobre superficies externas, la pintura positiva se encuentra en 575 fragmentos del total (29,8%), mientras que en superficies internas se encuentra en 364 fragmentos del total (18,9%). Los casos en que ambas superficies se encuentran pintadas, es decir, realizando un cruce entre las variables que acabamos de señalar, contabilizan 110 fragmentos (5,7%) del total del conjunto analizado. Las superficies sobre las que la pintura es aplicada tienen todos los tonos, desde naranja hasta gris y marrón, pasando por los casos únicos de superficies con engobes crema (ec) y blanco (eb).

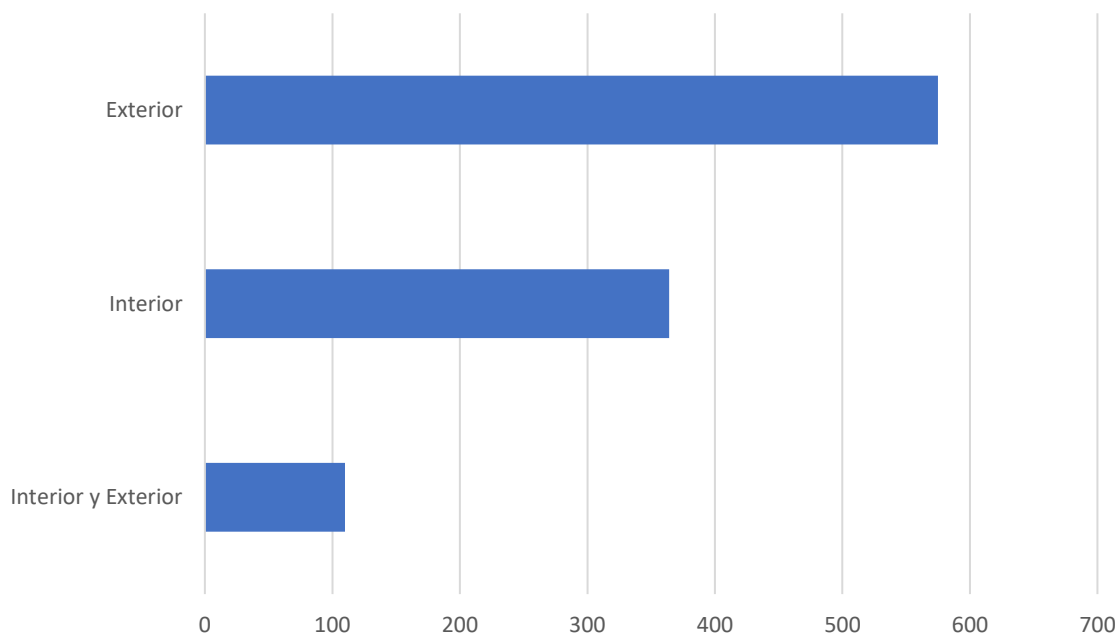


Gráfico E. Pintura Positiva en las paredes cerámicas

También existe una notable ocurrencia de decoración con incisiones, que se concentra en las superficies externas de los recipientes con 402 fragmentos del total, mientras que las superficies internas presentan incisiones en solamente 34 fragmentos del total, encontrados en recipientes de forma abierta como platos (A) y cuencos (B). Los casos en que ambas superficies se encuentran pintadas son muy escasos, llegando apenas a 8 fragmentos del total del conjunto analizado.

Las congruencias entre estos dos tipos de técnicas decorativas son escasos, de acuerdo con el registro ejecutado. Incisiones exteriores y pintura positiva interior se presentan combinadas en 17 fragmentos, mientras que la combinación de pintura positiva exterior e incisiones interiores no existe dentro del conjunto analizado. Sin embargo, en un ejercicio de honestidad, cabe señalar que, como mencionamos anteriormente, existió una dificultad en la definición de la decoración por ocurrir una combinación profusa entre pintura positiva e incisión, la cual afectó también la atribución de un motivo decorativo a una de las dos técnicas. Es posible que con el abordaje de los motivos decorativos se pueda entender de mejor manera lo apuntado en este párrafo, por lo que este tema será tratado en el acápite siguiente.

Las dos técnicas decorativas hasta ahora abordadas marcan una brecha considerable en comparación con el resto de las técnicas presentes en el conjunto cerámico de La Ponga. Esto es apreciable cuando la decoración plástica, entendida como apliques generalmente en forma de botones o pequeños puntos sobre la superficie de los recipientes, ocurre en 66 casos al exterior y solamente 1 caso al interior. La técnica que sigue en recurrencia es la pintura negativa, sucediendo en 26 superficies externas, 16 superficies internas y, cruzando ambos casos, solamente ocurren 3 coincidencias de pintura negativa tanto al exterior como al interior.

Finalmente, hay que señalar que la técnica de impresiones digitales, principalmente sobre los labios de recipientes, suceden exclusivamente en superficies exteriores en 9 fragmentos. La técnica del bruñido se registra sobre 7 superficies exteriores y 7 interiores. La técnica de excisión se registra sobre 6 superficies exteriores y 8 interiores. Mientras que la técnica de acanalado registra 4 superficies externas y solamente 1 superficie interna; y la técnica del ahumado²¹ intencional solamente ocurre sobre una superficie externa.

²¹ Cabe diferenciar el Ahumado de las Manchas de Quema, en tanto que el primero es una técnica decorativa intencional del artesano en la producción alfarera, mientras que las segundas son un producto inintencional provocado por la falta de control de las estructuras de quema en las que se cuece la arcilla.

6.3.3.2. *Motivos decorativos*

Con anterioridad se mencionó que existe una variedad amplia de motivos decorativos que combinan principalmente las técnicas de pintura positiva e incisión, que ha provocado una dificultad en la definición de la técnica que realiza el motivo, intensificada por la inexistencia de ningún recipiente entero ni de una silueta que permita observar por completo a un motivo decorativo. Sin embargo, es posible identificar que la gran mayoría de motivos decorativos se localizan en los cuerpos superiores de recipientes articulados o carenados. Comprenden composiciones geométricas, muchas veces limitadas por líneas horizontales paralelas, con una amplia variabilidad de diseños de líneas verticales, entrecruzadas, zigzagueantes, arcos, etcétera, los cuales pueden estar pintados, incisos o punteados; composiciones que muchas veces pueden estar restringidas a un área en función del motivo, como se puede apreciar en la Figura 10.

En un inicio se estableció que a cada motivo decorativo correspondería un número secuencial para poder analizarlos como motivos independientes. No obstante, dada la variabilidad se señaló en el párrafo anterior, la amplia gama de motivos llegó a sobrepasar el centenar. En consecuencia, se decidió agrupar los motivos decorativos conforme a la definición de su técnica. Es así que se definieron 22 motivos decorativos con incisiones, 17 motivos con pintura positiva, 3 motivos con decoración plástica, 2 motivos con pintura negativa, 4 motivos con impresión digital, 4 motivos con bruñido, 3 motivos con excisión, 2 motivos con acanalado, y 1 motivo con iridiscente²². Los motivos (Tabla 6) serán presentados en el siguiente capítulo, en donde se los puede apreciar en función a su ocupación en el tiempo.

²² En la Tabla 6 se puede observar que conservamos las numeraciones iniciales de los motivos, los que posteriormente fueron agrupados por similitud con una nueva numeración secuencial, dentro de cada técnica decorativa. De esta manera tenemos, por ejemplo, en las decoraciones con incisión el código *in.4.65* correspondiente al motivo *Inciso-arcos y bandas verticales alternados, con punteado en el área sobre los arcos*. También se puede observar que existen códigos marcados con doble cero (00) que corresponden a motivos únicos, que no fueron agrupados dentro de las técnicas decorativas. Finalmente, tenemos que se ha definido con el número 15 (“*otro*”) a los motivos que no fueron posibles de definir por causa de la pequeña dimensión de los fragmentos o la erosión fuerte sobre estos.

7. Seriación cerámica de La Ponga

7.1. Consideraciones preliminares

Realizar una seriación cerámica radica en organizar este tipo de material cultural en función de las capas encontradas en el subsuelo mediante actividades de excavación o prospección arqueológicas. Sin embargo, previo a realizar el abordaje pleno de los fundamentos con los que se elaboró la secuencia cerámica, consideramos pertinente que se mencionen ciertas consideraciones que marcan la situación general en la que fue realizado el ordenamiento cronológico del material cerámico del sitio La Ponga.

Ahora bien, estas consideraciones tienen que ver inicialmente con los cortes de excavación realizados por Porras, algunas de las cuales fueron mencionadas en un capítulo anterior. En primer lugar, los cortes de excavación no fueron realizados por nuestra parte, lo que se traduce en que tales cortes pueden llegar a ser considerados como contextos no seguros. Un segundo elemento de consideración es que solamente hay registro de tres perfiles para los cinco cortes: un perfil para los cortes A y B, otro para los cortes C y D, y un último para el corte E (ver Figura 5). Esto quiere decir que también hay falencias notables en el registro vertical y horizontal de los contextos, en los que, por ejemplo, no es posible identificar si el material proviene de rellenos, pozos, u otros depósitos culturales o naturales del subsuelo²³.

Para terminar con esta contextualización de la seriación cerámica, señalaremos dos aspectos. El primero es la notable remoción mecánica del suelo que perturba los contextos en los que se deposita el material cultural, sea esto por efectos de actividad agrícola de la zona o por actividades de saqueo llevados a cabo por los *huaqueros* desde hace varias décadas atrás. Y el segundo aspecto es la inexistencia de información disponible acerca de actividades arqueológicas previas a los trabajos de Porras en 1976. Como hemos mencionado en un momento anterior, Presley Norton en una primera instancia, junto a varios otros colegas de la ciudad de Guayaquil, realizaron intervenciones arqueológicas en la zona, como en las localidades de Loma Alta, La Ponga y Valdivia (Zeller, s/f), con varios de sus registros,

²³ Y consecuentemente, es infructuoso realizar una matriz Harris para la esquematización de las relaciones estratigráficas entre los depósitos que se encontraron en el subsuelo del sitio La Ponga.

especialmente los que respectan a Norton, se encuentran inaccesibles o en deterioro. Teniendo en cuenta tales aspectos que contextualizan la seriación, podemos seguir a señalar los fundamentos de este proceso.

7.2. Fundamentos de la secuencia cronológica

Una seriación cronológica hace referencia a la elaboración de una división de un material cultural en base a los contextos registrados en los cortes de excavación arqueológica, asociando estos dos elementos entre sí para formar un orden secuencial (Peroni, 1998: 14). De esta forma se pueden identificar fases cerámicas en función de los estratos, tanto naturales como culturales. En el caso del sitio La Ponga, los contextos de los que proviene la cerámica son los cinco cortes de excavación realizados por Porras, y los tres perfiles de las paredes de estos cortes que fueron registrados por el mismo.

No podemos negar que la situación de nuestra seriación es de dependencia de la información que nos ha dejado Porras, en virtud de lo expuesto en el acápite previo. De esta manera, dada la situación, el registro de los atributos para la observación de su comportamiento se realizó en una base de datos Excel que, a su vez, nos permitió hacer énfasis en los atributos morfológicos y decorativos con el fin de detectar posibles cambios o continuidades.

La duración de, en este caso, un atributo se entiende como el intervalo de tiempo que separa a la primera y a la última aparición de este, cuya observación se realiza a través de la subdivisión de un registro arqueológico en segmentos arbitrarios en el espacio y el tiempo²⁴. De esta manera se formará una sucesión relativa de eventos, cuya unidad de medida virtual es justamente el punto medio del segmento marcado por la primera y última aparición de un atributo. Este es el concepto que Peroni (Ibid.: 15-16) define como *Mínima Duración Media*, en el cual nos hemos apoyado para observar el comportamiento de los atributos, principalmente morfológicos, de la cerámica de La Ponga, considerando el alto grado de fragmentación que esta presenta.

²⁴ Entiéndase en los estratos naturales y culturales que yacen en el subsuelo.

El siguiente paso es ordenar los puntos medios de cada atributo desde su localización más temprana hacia la más tardía. El resultado de esta disposición será un esquema de duración de atributos agrupados de acuerdo con una diagonal, que hará posible la identificación de continuidades y distinción de rupturas, los que serán más notorias por verse como cuellos de botella en la duración de los atributos esquematizados. Esta es una de las razones que justifican el uso de una hoja de Excel en lugar del uso de un programa estadístico especializado.

Durante la elaboración de la seriación fue posible observar que la técnica de excavación ejecutada por Porras provocó que sus niveles arbitrarios prácticamente se intercalen con las capas de suelo que reporta en los perfiles. Sin embargo, a la luz del concepto de *Mínima Duración Media* que acabamos de explicar, estos niveles arbitrarios se convierten en un suceso beneficioso para la observación del comportamiento de los atributos. Es en esta situación que hemos definido 2 fases cerámicas de acuerdo con la distribución de los fragmentos en cada perfil.

Los marcadores de las fases de ocupación cerámica los definen los tipos elaborados a partir de los atributos morfológicos, e igualmente los atributos decorativos, que no se repiten en ambas fases. Esto quiere decir que se han excluido los tipos cerámicos y decoraciones de larga duración, o sea, que se encuentran en ambas fases. Lo señalado implica que también debieron ser excluidos los fragmentos con presencia unitaria y tipos de un solo ejemplar, por no marcar ninguna duración en los cortes; e igualmente los fragmentos sin procedencia y aquellos provenientes de recolección superficial, los cuales, sin embargo, muestran tipos de la categoría Otros en la tipología morfológica, y fragmentos especiales.

7.3. Cronología de atributos morfológicos

7.3.1. Cortes AB

El comportamiento de los atributos morfológicos se manifiesta acorde cada perfil existente. Es decir que las tablas se elaboraron consolidando la información de, por una parte, los cortes A y B, cortes C y D por otra, y corte E por una tercera parte. En ese orden, se presenta en la Tabla 7 correspondiente a los tipos morfológicos presentes en los cortes AB,

en la que se puede observar la diagonal de la mínima duración media desde la esquina inferior izquierda (ocupación temprana) hacia la esquina superior derecha (ocupación tardía).

Podemos apreciar en la tabla que la fase 1 comprende los tres niveles más profundos (desde 60 cm hasta 120 cm de profundidad), los cuales parten desde la capa de tierra floja gris hasta llegar a la capa de arcilla, que se entiende como estéril. Además, es posible observar que hay una diversidad de tipos morfológicos comprendiendo tanto recipientes abiertos como cerrados, exceptuando los grupos formales D (Tazones) y G (Ollas con cuello diferenciado y emboque restringido).

Continuando la dirección de la diagonal marcada, tenemos un gran bloque en el que se ubican una mayor variedad de tipos de todos los grupos formales. Este bloque, que lo hemos marcado de color verde, se constituye en una transición entre las dos fases, a la vez que ligeramente se separa de ser definido como larga duración por presentar la tendencia de la diagonal de duración. En este bloque de transición llaman la atención los tipos A25 y C18, que son los únicos restringidos a un solo nivel; y también, por otro lado, el tipo D2 como el único en toda la secuencia de los cortes AB que corresponde al grupo formal de tazones.

La fase 2 en los cortes AB se presenta ubicada, como se puede deducir, en los tres niveles más superficiales (desde la superficie hasta 60cm de profundidad), comprendiendo las capas de humus y tierra floja gris. En esta fase se presentan cuencos (B) y cuencos profundos (C), correspondientes a recipientes de formas abiertas; y ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G), correspondiente a recipientes de forma cerrada. Es notable que de los platos (A) solamente se encuentre presente el tipo A26 en esta fase.

Finalmente, el bloque naranja que se aprecia al extremo derecho de la tabla 7, se trata de los tipos de recipiente de larga duración, o sea que están en toda la secuencia de los cortes AB. En este bloque cabe destacar que no se encuentran ningún tipo de platos (A) ni de Tazones (D); y, por otro lado, considerar que este bloque es muy amplio en cuanto abarca una cantidad considerable de tipos y especímenes de estos.

7.3.2. Cortes CD

Por otro lado, tenemos a los cortes C y D que se han consolidado por causa de contar nosotros solamente con un perfil aplicable a ambos cortes, como ya se ha mencionado en algunas ocasiones. En ese sentido, se muestra la Tabla 8 en donde podemos observar la diagonal de ocupación esquematizada. En ella se puede apreciar que la fase 1 se manifiesta solamente en dos niveles, entre los 40 cm y 80 cm de profundidad, sin presentar material cerámico en el resto de los niveles profundos, que alcanzan hasta los 120 cm. Los 40 cm de ocupación se encuentran entre las capas de tierra gris y tierra amarilla tenaz, según la descripción de Porras, en los que se encuentran muy escasos ejemplares de cuencos profundos (C), ollas con cuello diferenciado (F) y ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G).

De la misma manera que en el caso de los cortes anteriormente descritos, se muestra un gran bloque correspondiente a cerámica con una ocupación larga entre ambas fases. En él se incluyen todos los tipos de recipientes que hemos formado en nuestra tipología, con preponderancia de los cuencos profundos (C), y, en contraste, se ausentan los tazones (D). Este bloque muestra una presencia desde el nivel más superficial hasta los 100 cm de profundidad.

La fase 2, por su parte, se manifiesta en los dos niveles superficiales, es decir desde la superficie hasta los 40 cm de profundidad, correspondientes a las capas definidas por Porras como humus, tierra amarilla suave, y tierra gris parcialmente. La fase muestra escaso material, pero todos los tipos en al menos una vez, a excepción de los platos (A). Finalmente, el bloque naranja que podemos apreciar, de larga duración, se remite exclusivamente a los tipos B27, C25 (recipientes de forma abierta) y E18 (recipientes de forma cerrada). Es notable, en primer lugar, la disminución en la cantidad de material cultural que se refleja también en una ocupación más tenue en estos cortes CD; y, en segundo lugar, la inexistencia de material cultural en el último nivel de excavación.

7.3.3. Corte E

El corte E es el único de los cinco cortes con un perfil exclusivo para sí, sin compartir con otro corte de excavación. La esquematización de su ocupación se la puede apreciar en la Tabla 9, iniciando con la fase 1, en donde se concentra una considerable proporción de todos los grupos de recipientes, tanto abiertos como cerrados, a excepción del grupo de ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G). La fase 1 en este corte se presenta desde los 40 cm de profundidad hasta el nivel estéril (120 cm), ocupando las capas definidas como tierra gris (parcialmente), tierra gris oscuro, y tierra amarilla. Las dos primeras capas mencionadas se encuentran intercaladas, o sea, la tierra gris es una capa bastante gruesa que se encuentra atravesada por dos delgadas capas de tierra gris oscura.

De la misma manera que los anteriores cortes, se aprecia un bloque de transición, ligeramente menor. En él se ausentan solamente los tazones (D) y, como en la fase 1, las ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G). Hay más variedad de los cuencos profundos (C), y una ligeramente menor presencia de los grupos de recipientes A, B (abierto), y F (cerrados). El bloque de transición se localiza entre los 20 cm y los 100 cm de profundidad del corte.

La fase 2 en el corte E es notablemente menor a la fase 1, e igualmente menor si se la compara con los cortes anteriormente descritos. Esto llama la atención, siendo en este corte donde más material cerámico encontramos. Se aprecia predominancia de los cuencos (B) sobre el resto de los grupos de recipientes, y se ausentan los grupos D (abierto), F y G (cerrados). Esta fase se localiza entre la superficie y los 40 cm de profundidad, ocupando las capas definidas como humus, tierra amarilla arenosa, tierra gris oscura y parcialmente la tierra gris.

Finalmente, encontramos un bloque notable de larga duración desde la superficie hasta la capa estéril (a 120 cm de profundidad), en donde predominan fuertemente los cuencos profundos (C) y, en menor medida, los cuencos (B), ausentándose los platos (A), tazones (D), ollas con cuello diferenciado (F), y ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G).

7.3.4. Las formas de los recipientes en el sitio La Ponga

Hasta este momento hemos descrito los atributos morfológicos por cada perfil disponible, como ya se explicó anteriormente, evidenciando esquemáticamente con las tablas presentadas junto a con su respectiva explicación. En el desarrollo de la seriación ha sido posible apreciar que en cada uno de los cortes que organizamos se presente una recurrencia de los grupos morfológicos y de sus tipos en ambas fases. Este hecho, consecuentemente, nos llevó a buscar marcadores temporales en los tipos morfológicos que se concentran exclusivamente en cada una de las fases.

El resultado de esta operación se muestra en la Tabla 10, que ilustra su parte inferior la presencia de los tipos morfológicos en los cortes. No obstante, la información relevante la podemos visualizar en la parte superior, donde se detalla la cantidad de cada uno de los tipos exclusivos de cada fase. Es posible que, en primera instancia, se observe la casi igualdad en la cantidad de tipos y sus respectivas frecuencias presentes en cada fase, es decir, 14 tipos con 42 fragmentos en la fase 1, y 13 tipos con 47 fragmentos en la fase 2.

Sin embargo, con una observación más detenida se puede identificar a los marcadores temporales de mayor relevancia. Para la fase 1 tenemos que se manifiesta una concentración de ollas con cuello diferenciado (F), con los tipos F1, F3, F4, F8, F21, y F25 (ver láminas 68 – 76: Forma F). Tal información nos permite decir que este tipo de recipientes cerrados son los marcadores temporales de la fase 1.

Por otro lado, en la fase 2 se manifiestan característicamente los cuencos profundos (C), con los tipos C2, C6, C16, C17 y C18 (ver láminas 37 – 52: Forma C), lo que nos lleva a decir que este tipo de recipientes abiertos son marcadores temporales de la fase 2. Además, se ha podido identificar la particularidad que presentan los tipos C16 y C18, que consiste en que estos son los únicos tipos de recipientes de toda la seriación del sitio La Ponga que se manifiestan en los tres cortes para la misma fase²⁵, evento que no se repite con ningún tipo de la fase previamente descrita.

²⁵ Si bien no se detalla gráficamente en la tabla 10, el tipo C16 cuenta con presencia unitaria en el resto de los cortes.

Finalmente, para tratar los fragmentos aparte de los recipientes, no debemos dejar de señalar que los fragmentos de figuras antropomorfas se encuentran concentradas en la fase 1 de los cortes de excavación B y C, o sea, bajo los 40 cm de profundidad, a excepción de 2 ejemplares, uno de ellos en fase 2 de corte B y el otro correspondiente a recolección superficial.

En lo que respecta a las espátulas, la fase 2 alberga a todos los fragmentos de este tipo, con lo que se constituyen como marcadores temporales de esta fase junto con los cuencos profundos (C) que señalamos en el párrafo anterior. Para concluir, los tipos pico de botella y podo, muestran un solo fragmento para cada uno de ellos provenientes de recolección superficial; e igualmente el único apéndice se presenta en el nivel 100-120 cm del corte E. Estas presencias únicas no permiten atribuir alguna significancia temporal a estos tipos.

7.4. Cronología de atributos decorativos

Quizás sea llamativo que ahora tratemos directamente los atributos decorativos, sin detallarlos corte por corte como acabamos de realizar con los atributos morfológicos. Esto tiene una explicación, la cual radica en que ellos no han mostrado una sensibilidad relevante en la secuencia cronológica que se ha formado. ¿Por qué no son sensibles cronológicamente? En principio, porque prácticamente todos se encuentran presentes durante toda la secuencia de los cortes, a excepción de pocos motivos decorativos, como se aprecia en las distribuciones esquematizadas desde las Tablas 11, 12 y 13 para el caso de la incisión.

Justamente, para el caso de las decoraciones incisas se debe señalar que solamente 10 motivos se aíslan en las fases identificadas, dentro de un total de 60; es decir tres para la fase 1 (in.4.50, in.6.31, e in.12.86) y las siete restantes para la fase 2 (in.2.107, in.3.43, in.4.73, in.4.85, in.7.36, in.11.18, e in.11.39). Por lo tanto, es evidente la tendencia que nos permite declarar que la decoración incisa se adscribe como una marca de la fase más tardía identificada. Tienen especial relevancia los motivos in.4.50 (arcos y bandas verticales alternados, punteado en el área sobre los arcos), in.7.36 (dos líneas paralelas horizontales, entre las que hay zonas de líneas entrecruzadas), e in.11.39 (fila de chevrones limitada por

líneas horizontales incisas) que son los únicos en aislarse en una fase en dos de los cortes de excavación. No existe ningún motivo aislado en una sola fase dentro de los tres cortes, como se ilustra en la Tabla 14.

Por otro lado, la pintura positiva se muestra presente durante toda la secuencia. En las Tablas 15, 16 y 17 se puede apreciar los grandes bloques de transición y de larga duración, contrastando con las leves presencias en las fases de cada uno de los cortes de excavación. De la seriación de este atributo decorativo se ha podido identificar que solamente dos motivos definidos como *impresiones dactilares* (pos.6.76 y pos.6.79) se aíslan en la fase 2 (ver Tabla 18). Es posible aventurarse a decir que son diagnósticos de esta fase tardía, pero intuimos que, ante una eventual futura revisión de un conjunto cerámico más amplio de la zona cercana de La Ponga, esto podría cambiar sin dificultad.

Para terminar, se muestran una serie de técnicas y motivos decorativos con presencia en los cortes de excavación, de una manera menos contundente, si los comparamos con el anterior caso detallado. En los cortes, que se ilustran en las Tablas 19, 20, y 21, se puede apreciar una mejor consolidación de los motivos de impresión (imp) y bruñido (br) en la fase 1 y de la decoración plástica (pl) en la fase 2, lo cual queda ilustrado en la Tabla 22 con los motivos para cada una de las técnicas mencionadas. Finalmente, creemos importante notar que la técnica de pintura negativa se manifiesta con un solo motivo, en bandas (n.1), durante toda la secuencia, en contraste con la amplia gama de motivos con la técnica de pintura positiva.

7.5.Cronología de atributos tecnológicos

Los atributos tecnológicos en la cerámica de La Ponga se muestran generalmente sin distinción de fases o capas específicas. El caso de la cocción es evidencia de esto, dado que casi la mitad del conjunto cerámico (46,2%) muestra una cocción mixta o desigual, seguido en frecuencia de la cocción oxidante (36,7%) y la cocción reductora (17,1%). Ninguno de estos tres tipos de cocción muestra un aislamiento específico en la distribución de los cortes, sino que principalmente son efectos sin intención del artesano.

En el caso de las pastas sucede un evento similar al que se acaba de describir. Como se ha mencionado en un capítulo anterior, no existe una distinción de utilización de la pasta para determinadas formas de recipientes. Es decir que se utilizaban las arcillas disponibles en el medio circundante para elaborar todos los tipos de recipientes, sin ejecutar una depuración fina de la materia prima. Por esta razón los dos tipos de pastas identificadas, fina y gruesa, no manifiestan un aislamiento dentro de la secuencia de los cortes de excavación del sitio.

En el análisis del tratamiento de superficie se ha podido observar que la situación difiere un poco con relación a la tendencia de los dos atributos arriba descritos. Las superficies más recurrentes son las alisadas (a), pulidas (p) y con engobe rojo (er), con una distribución general en toda la ocupación de los cortes. Es decir que son atributos de larga duración, ilustrados con el color naranja en las tablas correspondientes (ver Tablas 23 a 28), en las que se los puede observar junto a las superficies toscas (t) y erosionadas (e)²⁶.

Sin embargo, es notable el aislamiento del engobe marrón (em) en la fase 1, tanto en paredes externas como internas, a pesar de contar con muy pocos fragmentos. En las tablas de los cortes es muy marcada su presencia bajo los 60 cm de profundidad, con apenas una presencia individual sobre los 40 cm en el Corte E (ver Tabla 27), pero, al considerar su mínima duración media, esta se localiza efectivamente en la fase 1 de este corte. Es posible, por lo tanto, establecer que el engobe marrón es un marcador de la fase 1 del sitio La Ponga.

Finalmente, es posible caer en la confusión de constituir al engobe negro (en) con el mismo estatus que el engobe marrón. Sin embargo, con una observación más cuidadosa es posible notar que las superficies con engobe negro se encuentran en toda la secuencia, tanto en fase 1, como en fase de transición y también en fase 2.

²⁶ En las tablas se puede apreciar también un bloque gris, el cual corresponde a tratamientos de superficie que no se encontraron en el subsuelo excavado en el corte respectivo. En este bloque gris también se incluye el único fragmento con superficie bruñida (b), que fue encontrado en la recolección superficial. Como se ha mencionado en un capítulo anterior, los fragmentos de recolección superficial no son considerados en la seriación dado que son producto de remoción mecánica del suelo, o bien por saqueo o por actividades agrícolas, lo cual quita significación cronológica al material.

8. La Ponga en perspectiva regional

Una vez que se han presentado los comportamientos de las diferentes clases de atributos que han sido encontrados en el conjunto cerámico de La Ponga, corresponde ponderarlos en una escala regional a la luz de las evidencias publicadas por las diversas investigaciones que se han ocupado del problema Machalilla, o del llamado período Formativo “Medio”.

En un inicio, Emilio Estrada (1957, 1958) nos ha mostrado en sus estudios arqueológicos en el cementerio del poblado moderno de Machalilla, una serie de decoraciones que se distinguen de la antecesora cultura Valdivia y, por consiguiente, constituyen a la ocupación cultural Machalilla. Principalmente, se destaca la popularización del uso de la pintura roja y de los acabados de superficie pulidos, atributos que hemos identificado a lo largo de toda la secuencia cronológica del sitio La Ponga.

Otra decoración frecuente presentada en el estudio de Estrada (1958, 1962) es el llamado *Ayangue Inciso*, que se trata de una profusa decoración de incisiones en casi todos los cuerpos superiores de los recipientes abiertos carenados, sin distinción de que esos cuerpos superiores sean altos o cortos. La amplia variedad de motivos realizados con la técnica de incisión en la cerámica de La Ponga, que se concentran en la fase 2, permiten corroborar la implicación de Estrada (1957: 45) de que se trata de un motivo tardío cuando al relacionarlo con Chorrera-Engoroy y Guangala, en la fase naciente de sus investigaciones sobre Machalilla en la bahía de Ayangue.

Es importante resaltar que no se han encontrado restos de la frecuentemente mencionada botella de asa-estribo que Estrada, y otros autores de su misma época (especialmente Meggers y Evans, 1962, 1966), caracterizan como exclusiva de Machalilla. De hecho, se encuentra solamente un pico de botella en todo el conjunto cerámico de La Ponga, el cual hace una referencia más cercana a las botellas de Chorrera-Engoroy en lugar de las botellas de asa-estribo. Este hecho lo corrobora Richard Zeller (s/f: figuras 2, 5, 6, 7 y 8) al exponer que, en la zona de Loma Alta, muy cercana a La Ponga, ha encontrado las primeras las expresiones de este tipo de botellas estilo Chorrera-Engoroy (Figura 11).

Avanzando hacia la referencia que nos marca el estudio de Meggers, Evans y Estrada (1965), el conjunto cerámico de La Ponga muestra tanto convergencias como divergencias. En el caso de las convergencias, salta a la vista que las bandas rojas e incisiones que los autores mencionados señalan en su estudio acontecen también en el nuestro. Es decir, las principales técnicas decorativas son la pintura positiva roja y las incisiones, ambas ilustrando motivos de líneas rectas (o rectilíneos) en una variedad amplia.

En cuanto a las formas de los recipientes, los mencionados autores señalan que los cuencos carenados se encuentran en toda la secuencia, así como las ollas sin cuello (E) y las ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G); a lo que se añaden varios fragmentos de las botellas de asa-estribo. El caso de La Ponga difiere de este panorama mostrando una tendencia más marcada en la distribución de las formas, presentando recipientes abiertos (cuencos profundos - C) para la fase 2 y recipientes cerrados (ollas con cuello diferenciado - F) para la fase 1. Además, cabe reiterar en la ausencia definitiva de indicios de la botella asa-estribo.

Las formas de los cuerpos de las ollas reportadas por Meggers y compañía, son en su mayoría de forma globular, lo que se constituye en un elemento de consideración dada la ausencia de recipientes o siluetas completas en el conjunto cerámico de La Ponga. Aquí, a través de la proyección de las paredes de los fragmentos de bordes, habría una tendencia a elaborar cuerpos de ollas con forma ovoidal, además de la forma globular.

Como quedó claro en los antecedentes que nos aportaron Meggers, Evans y Estrada, la decoración con incisiones, especialmente el definido como *Ayangue Inciso*, se encuentra en sus estudios con una tendencia creciente hacia los niveles tardíos, mientras que el uso de la pintura roja se focaliza en los niveles tempranos. Esta tendencia sucede también en los más recientes estudios arqueológicos en el marco del proyecto *Cumbres de Ayangue*, realizado en el año 2021 (PhD. María Fernanda Ugalde, comunicación personal) por parte del Instituto Alemán de Arqueología (DAI) y la Pontificia Universidad Católica del Ecuador (PUCE). Nos es posible decir, por consiguiente, que esta tendencia se replica en el sitio La Ponga dada la concentración de decoración incisa en la fase tardía del sitio, mientras que la pintura positiva se mantiene a lo largo de toda la secuencia cerámica.

Por otra parte, es necesario referenciar nuestro análisis del conjunto cerámico de La Ponga también con la investigación de Bischof (1975b) en el sitio Palmar porque es productivo en cuanto nos brinda un apoyo desde la perspectiva cronológica. Esta referencia cronológica radica en un contraste con los hallazgos de Palmar y La Ponga, en tanto el primer sitio no presenta el tipo decorativo denominado *Ayangue Inciso*, característico del período 4 de Machalilla, mientras que La Ponga expone una fuerte presencia de la decoración incisa atribuible al tipo mencionado.

Esta diferencia acerca de la presencia del *Ayangue Inciso* permite caracterizar a La Ponga como un sitio perteneciente a una etapa tardía de la ocupación Machalilla, de la misma manera que lo sostiene Bischof (1975b: 51) cuando propone que la transición desde el fin de Machalilla hacia el inicio de Chorrera-Engoroy se puede establecer desde el año 1150 a.C. hasta aproximadamente el 900 a.C. La propuesta del autor tiene mucha coherencia con las estimaciones de Estrada y las dataciones proporcionadas por Prümers y Ugalde, para el sitio de Machalilla Cementerio.

En el ámbito morfológico, como apuntamos en el capítulo de antecedentes arqueológicos, la amplia variedad de recipientes abiertos, en especial los cuencos, son diagnósticos de los períodos Machalilla 2, 3 y 4 del sitio Palmar de Bischof. Este suceso nos marca la tendencia de que los cuencos son característicos de una fase tardía considerando que en La Ponga estos recipientes se concentran principalmente en la fase 2 del sitio, similar a la tendencia de Palmar, en donde se proyectan incluso a ocupaciones culturales posteriores, como Engoroy y Guangala.

Cabe apuntar también que la tendencia se asemeja igualmente en lo que concierne a las ollas sin cuello (E), en las que incluimos las que tienen borde evertido, ollas con cuello diferenciado (F), y las ollas con cuello diferenciado y emboque restringido (G), con mayor presencia en los niveles tempranos en Palmar, y en nuestra fase 1 de La Ponga.

Pasando a referenciar nuestro análisis con el trabajo más actual publicado sobre Machalilla, Prümers y Ugalde (2018) reportan para el sitio Machalilla Cementerio (Ma-Cem) abundante pintura roja, evento que en La Ponga también sucede, como hemos señalado reiteradamente. Además, los cuencos carenados predominan en cuyas carenas se encuentra muy frecuentemente una decoración de muescas, exclusivamente en recipientes abiertos. Tal

evento es exactamente igual en La Ponga dado que los cuencos, tanto normales (B) como profundos (C), presentan esta decoración. Posteriormente, estas muescas disminuyen en el caso de los tazones (D) porque aumentan los motivos geométricos incisos en los cuerpos superiores de los cuencos, es decir, el denominado *Ayangue Inciso*.

Esto precisamente es lo que diferencia a La Ponga de Ma-Cem, porque en este último no se presenta el *Ayangue Inciso*, lo cual llevó a considerar a este sitio, junto con el resto de las evidencias encontradas allí, como un yacimiento unicomponente Machalilla. Consecuentemente, la presencia en La Ponga del *Ayangue Inciso* refuerza la consideración de que el sitio sea transicional, proponiendo nosotros que este tipo decorativo sería una variante muy localizada de la ocupación Machalilla en las zonas de Valdivia, Ayangue, Loma Alta y La Ponga (costa centro sur del Ecuador), teniendo en cuenta que Bischof (1975b) reporta escasos fragmentos con esta decoración en sus investigaciones en Palmar, en la costa sur del Ecuador.

En el ámbito cronológico, las fechas proporcionadas por Prümers y Ugalde son muy sólidas en cuanto que coinciden con las propuestas de Estrada y Bischof sobre la presencia Machalilla alrededor del primer milenio antes de nuestra era. Estas fechas, no obstante, deben ser tomadas en cuenta para la etapa tardía. El inicio de Machalilla se muestra como un panorama menos claro, teniendo solamente que las fechas obtenidas por Prümers y Ugalde (2018: 29), y las fechas de Lippi (1983: Tabla C) que hemos calibrado, coinciden alrededor del año 1400 a.C. Estas fechas son muy cercanas al Valdivia tardío, hecho que no es disparatado dado que en La Ponga hay algunos fragmentos de tradición Valdivia (ver láminas 80 y 81).

9. Conclusiones

A la luz de los datos expuestos a lo largo de esta disertación, producto de la organización del material cerámico recolectado por los trabajos arqueológicos de Porras a mediados de la década de 1970, es posible observar una ocupación predominantemente Machalilla en el sitio La Ponga. No obstante, no se debe dejar de lado los datos que proporciona Zeller acerca de un considerable conjunto cerámico posterior a la ocupación Machalilla, destacando Chorrera-Engoroy y Guangala, que se constituyen en referencia del escaso material post Machalilla de nuestro análisis.

Por otra parte, es posible decir que la presunción de Estrada (1958) se confirma al estimar la ocupación Machalilla para el primer milenio antes de nuestra era. El resto de los aportes a la cronología de Machalilla, proporcionados por Bischof (1975a, 1975b), Prümers y Ugalde (2018), apoyan la estimación de Estrada. Nuestro aporte desde una cronología relativa de La Ponga a la problemática Machalilla radica en que la profusa decoración incisa en los cuerpos superiores de los recipientes abiertos carenados ayuda a consolidar la definición de una fase tardía Machalilla en La Ponga. En otras palabras, el *Ayangue Inciso* se constituiría en una característica del Machalilla Tardío, muy localizada en la costa centro-sur del Ecuador, en donde se incluyen las localidades de Ayangue, Valdivia, Loma Alta y La Ponga.

En contraparte se evidencia que el inicio de Machalilla aún se mantiene como un evento sin definición clara. En este trabajo hemos abordado las fechas proporcionadas por Prümers y Ugalde (2018) para el sitio Ma-Cem, junto a las calibraciones de las fechas que nos aporta Lippi (1983) para La Ponga, las cuales se encuentran alrededor del año 1400 antes de nuestra era. Teniendo esto en cuenta, es posible que el hiato que Lippi propone sea más claro en los sitios Machalilla de la provincia de Manabí, y que se manifiesta en el corto lapso con relación a las fechas del fin de Valdivia (1500 a.C.). El hiato en La Ponga no sería tan marcado, o pudo no haber sucedido definitivamente, debido al material Valdivia que hemos ilustrado, y, por otra parte, por la presencia valdiviana en los períodos Machalilla Temprano del sitio Palmar, reportada por Bischof.

Sintetizando lo dicho hasta ahora, es posible decir que La Ponga es un sitio multicomponente a través de las evidencias cerámicas y de las referencias de estudios previos. Con las evidencias cerámicas hemos podido evidenciar una ocupación Machalilla con una tendencia hacia una fase tardía o de transición al Chorrera-Engoroy, e incluso Guangala, con algunos atributos morfológicos que perduran, como, por ejemplo, los recipientes carenados, tanto cerrados como abiertos, y la decoración en los cuerpos superiores de estos. Por otra parte, con los estudios previamente realizados en la región ha sido posible evidenciar la contemporaneidad de las ocupaciones Valdivia Tardío y Machalilla Temprano en el sitio, dada la perturbación de los contextos.

Cabe mencionar una vez más que la región ha sufrido constantemente de saqueo y remoción de tierras, posiblemente desde hace un siglo, que han alterado los contextos arqueológicos. Esta es la causa por la cual los fragmentos de tradición Valdivia o Chorrera-Engoroy de nuestro análisis, no hayan sido correlacionados con las capas registradas por Porras, ya que se han encontrado tanto en superficie como en niveles medios y profundos de los cortes; es decir, pocos fragmentos esparcidos en todos los niveles. Además, nos aventuramos a decir que este sería el motivo por el cual la cultura material posterior a Machalilla en el sitio La Ponga no fue reportada por Porras, sino por sus antecesores investigativos en la misma zona cercana, como lo fueron Zeller y Norton (Zeller, s/f: 13-24).

Pasando a otro aspecto, el análisis desarrollado ha mostrado que Machalilla no tendría una diferenciación marcada entre sus asentamientos de la ribera marina y aquellos localizados tierra adentro. En su defecto, lo que acontece es una variante de la zona centro-sur, evidenciada, por lo menos, en las localidades antes mencionadas de Ayangue, Valdivia, Loma Alta y La Ponga, a través de las tendencias similares en la distribución de recipientes abiertos y cerrados en las estratigrafías registradas.

Para finalizar, es recomendable que se revisen nuevamente las colecciones de investigaciones al sur y norte de La Ponga con el fin de completar el panorama sobre la presencia Machalilla en la región centro-sur de la costa ecuatoriana. También es muy claro que se desprende una recomendación de realizar exploraciones y una excavación arqueológica que registren detalladamente tanto estratos naturales como culturales en el subsuelo del sitio, para poder correlacionar de mejor manera la cultura material de las

investigaciones previas, como es el caso de esta disertación, e igualmente las futuras investigaciones en la región que nos ha ocupado en este estudio.

Bibliografía²⁷

- Balfet, H. Fauvet, M-F., y Monzón S. (1992) *Normas para la descripción de las vasijas cerámicas*. Nueva edición [en línea]. Generado el 04 septiembre 2014. Disponible en Internet: <<http://books.openedition.org/cemca/3030>>. ISBN: 9782821846098. México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos.
- Bischof, H. (1975a) “La fase Engoroy – periodos, cronología y relaciones”. Ponencia presentada al Primer Simposio de Correlaciones Antropológicas Andino-Mesoamericanas, Salinas-Ecuador, 25-31 de julio de 1971. En Udo Oberem (ed.). *Estudios sobre la arqueología del Ecuador*. BAS 3. Bonn: Bonner Amerikanistische Studien, pp. 11-38.
- Bischof, H. (1975b) “El Machalilla temprano y algunos sitios cercanos a Valdivia”. Ponencia presentada en el XLI Congreso Internacional de Americanistas, México, septiembre de 1974. En Udo Oberem (ed.). *Estudios sobre la arqueología del Ecuador*. BAS 3. Bonn: Bonner Amerikanistische Studien, pp. 40-62.
- Dyrdahl, E., Montalvo, C., y Valverde, V. (2017) “Una historia complicada: Ceniza volcánica y su uso en el período Formativo Tardío en la Sierra Norte del Ecuador a través del caso del sitio «Los Soles» (sector Las Orquídeas)”. En María Fernanda Ugalde (ed.) *Volcanes, cenizas y ocupaciones antiguas en perspectiva geoarqueológica en América Latina*. Estudios de Antropología y Arqueología. Volumen 2. ISBN: 978-9978-77-308-6. Quito: Centro de Publicaciones de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador
- Editorial Santillana. (2006) *La Enciclopedia del Estudiante. Tomo 20: Historia y Geografía del Ecuador*. ISBN: 950-46-1591-0. Quito: Santillana S.A.
- Estrada, V. E. (1957) *Prehistoria de Manabí*. Guayaquil: Publicaciones del Archivo Histórico del Guayas.
- Estrada, V. E. (1958) *Las Culturas preclásicas, formativas o arcaicas del Ecuador*. Publicación del Museo Víctor Emilio Estrada No. 5. Guayaquil: Museo Víctor Emilio Estrada.
- Estrada, V. E. (1962), *Arqueología de Manabí Central*. Publicación del Museo Víctor Emilio Estrada No. 7. Guayaquil: Museo Víctor Emilio Estrada.
- Guillaume-Gentil, N. (2013) *5000 años de historia al pie de los volcanes en Ecuador: modos de implantación, población y cronología*. Quito: FLACSO sede Ecuador, Abya-Yala, IFEA.

²⁷ La lista de referencias bibliográficas utilizadas en la presente disertación se encuentra organizada de acuerdo con el *Manual de Publicaciones APA, séptima edición*.

- Hill, B. D. (1972) "A New Chronology of the Valdivia Ceramic Complex from the Coastal Zone of Guayas Province, Ecuador". En *Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology*, 10/12, 1–32.
- Jaimes Betancourt, C. (2012) *La Cerámica de la Loma Salvatierra. Beni-Bolivia*. La Paz, Bolivia: DAI, KAAK, Plural Editores.
- Lara, C. (2017) *Aportes del enfoque tecnológico a la arqueología precolombina: pasado y presente de la alfarería en el valle del río Cuyes y su región (Andes sur-orientales del Ecuador)*. Paris Monographs in American Archaeology 47. Oxford: ArchaeoPress Publishing Ltd.
- Lippi, R. (1980) *Report on Excavations at Rio Perdido (OGCh-20), Guayas, Ecuador, with Emphasis on the Ceramic Chronology*. Madison: Master of Science (Anthropology). Dissertation, University of Wisconsin.
- Lippi, R. (1983) *La Ponga and the Machalilla Phase of Coastal Ecuador*. Madison: Ph.D. Dissertation, Department of Anthropology, University of Wisconsin. University Microfilms, Ann Arbor.
- Marcos, J. (1988). *Real Alto: la historia de un centro ceremonial Valdivia*. Biblioteca Ecuatoriana de Arqueología: 4-5. Guayaquil: Corporación Editora Nacional/ESPOL.
- Marcos, J. (1998) "A Reassessment of the Chronology of the Ecuadorian Formative". En M. Guinea, J. Marcos, & J. Bouchard (eds.) *El Área septentrional Andina. Arqueología y Etnohistoria*, Quito: Abya Yala & IFEA. pp. 295-346.
- Meggers, B. (1966) *Ecuador. Ancient Peoples and Places*. London: Thames & Hudson.
- Meggers, B., y Evans, C. (1962) "The Machalilla Culture: An Early Formative Complex on the Ecuadorian Coast". En: *American Antiquity*, Vol. XXVIII, No. 2. Salt Lake City. pp. 186-192
- Meggers, B., Evans, C. y Estrada, V. E. (1965) *Early formative period of Coastal Ecuador: The Valdivia and Machalilla Phases*. Smithsonian Contributions to Anthropology, Vol. I, No. 1, Washington D. C.
- Montalvo, C. (2016) *Il sito de Las Orquídeas (Imbabura) nell'ambito del Periodo Formativo Tardo (800 – 400 a.C.) nel Nord del Ecuador. Sequenza stratigrafica e Cronologia*, Roma: Archeologia, Ph.D, Sapienza. Università di Roma.
- Ontaneda, S. (2010) *Las antiguas sociedades precolombinas del Ecuador. Un recorrido por la Sala de Arqueología del Museo Nacional. Catálogo de la Sala de Arqueología*. Quito: Ministerio de Cultura y Patrimonio.

- Peroni, R. (1998) “Classificazione tipológica, seriazione cronologica, distribuzione geografica”. En *Aquileia Nostra*. LXIX, pp. 9-28. Venezia Giulia: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali. (Traducción al español por PhD. Carlos Montalvo).
- Porrás, P. (1983) *Arqueología. Palenque, Los Ríos. La Ponga, Guayas*. Quito: Centro de Investigaciones Arqueológicas, Pontificia Universidad Católica del Ecuador.
- Prümers, H (ed.). (2015) *Loma Mendoza. Las excavaciones del Instituto Arqueológico Alemán y la Dirección Nacional de Arqueología en los años 1999-2002*. La Paz, Bolivia: Plural Editores, DAI, KAAK.
- Prümers, H. y Ugalde M. F. (2018) *El sitio formativo de Machalilla (Código de investigación M-MF-017-73) Informe final*. Quito: informe inédito presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural-INPC
- Rostain, S. (ed.) (2014) *Amazonía. Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: Ministerio Coordinador de Conocimiento y Talento Humano, IKIAM, Secretaría Nacional de Educación Superior, Ciencia, Tecnología e Innovación – SENESCYT.
- Rowe (1959) “Archaeological Dating and Cultural Process”. En *Southwestern Journal of Anthropology*. 15 (4). pp. 317-324.
- Rowe (1961) “Stratigraphy and Seriation”. En *American Antiquity*. 26. pp. 324-330.
- Shepard, A. (1956) *Ceramics for the archaeologist*. Washington, D.C.: Carnegie Institution of Washington.
- Simmons (1970) *The Ceramic Sequence from La Carolina, Santa Elena Peninsula, Ecuador*. Unpublished Ph.D. dissertation. Department of Anthropology. Tucson: University of Arizona.
- Steinstra, P. (1986) “Systematic macroscopic description of the texture and composition of ancient pottery - some basic methods”. En *Newsletter of the Department of Pottery Technology*. IV pp 29-48. Países Bajos: University of Leiden.
- Ugalde, M. F. (2019) “Rancho Bajo: Primeras evidencias del Precerámico terminal en Quito”. En *Arqueología Iberoamericana*. Vol. 42. ISSN 1989-4104. pp. 14-27. <http://laiesken.net/arqueologia/>.
- Valdez, F. (2007) “Un Formativo Insospechado en la Ceja de Selva: El Complejo Cultural Mayo Chinchipe”. En: *II Congreso Ecuatoriano de Antropología y Arqueología. Balance de la última década: Aportes, Retos y nuevos temas* (F. García, compilador), Tomo I: 549-576, Quito: Abya-Yala.

- Valdez, F. (2008) “Inter-zonal Relationships in Ecuador”. En: *Handbook of South American Archaeology*, (H. Silverman & W. H. Isbell, eds.), pp. 865–888. New York: Springer.
- Valdez, F. (2013a) *Primeras Sociedades de la Alta Amazonía. La Cultura Mayo Chinchipe – Marañon*. Quito: Instituto Nacional de Patrimonio Cultural – INPC, Institut de Recherche pour le Développement – IRD.
- Valdez, F. (2013b) “Mayo Chinchipe. Hacia un replanteamiento del origen de las sociedades complejas en la Civilización Andina”. En: *Arqueología Amazónica. Las civilizaciones ocultas del bosque tropical* (F. Valdez, compilador), pp. 107-153, Quito: Abya-Yala.
- Valdez, F. (2016) “Complejo Cerámico: Mayo Chinchipe”. En: *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia. Rumo a uma nova síntese*. (C. Barreto / H. Pinto Lima / C. Jaimes Betancourt, eds.). pp. 510-525. Belém: IPHAN / Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Valdez, F., Guffroy, J., de Saulieu, G., Hurtado, J., Yepes, A. (2005) “Découverte d’un site cérémonial formatif sur le versant oriental des Andes”. En: *Comptes Rendus Palevol* 4(4). pp.369–374.
- Villalba, M. (1988) *Cotocollao: Una aldea formativa del Valle de Quito*. Miscelánea Antropológica Ecuatoriana, Serie Monográfica 2. Quito: Museo del Banco Central del Ecuador.
- Viteri, T. (2019) “Las composiciones pictóricas en las urnas funerarias de la fase Napo. Una perspectiva iconográfica y etnoarqueológica”. En *Antropología. Cuadernos de Investigación. Revista de la Escuela de Antropología*. N° 21. Quito: Pontificia Universidad Católica del Ecuador.
- Winkfil, A. (1982) “Relieve y geomorfología del Ecuador”. En *Geomorfología. Documentos de Investigación*. N° 1. Quito: Instituto Panamericano de Geografía e Historia & ORSTOM.
- Zeller, R. (s/f) *Instrumentos y Música en la Cultura Guangala. Huancavilca. Publicaciones arqueológicas*. N°. 3. serie de publicaciones arqueológicas editadas por Luis Piana Bruno. Guayaquil: Cromos y Segura.